



IV ENA

ENCONTRO NACIONAL
DE AGROECOLOGIA

AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE

CADERNO

7

MEMÓRIAS DO IV ENA

**AFETOS E REBELDIAS:
SOBRE AS FORÇAS QUE NOS MOVEM**

E56m Encontro Nacional de Agroecologia (4.: 2018:
 Belo Horizonte)
 Memórias do IV Encontro Nacional de
Agroecologia : agroecologia e democracia unindo
campo e cidade. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Articulação Nacional de Agroecologia - ANA, 2021.
872 p. : il. color. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-87116-33-8

1. Agricultura - Brasil - Congressos. 2.
Ecologia agrícola - Brasil - Congressos. 3.
Agricultura sustentável - Congressos. 4.
Democracia - Brasil - Congressos. I. Articulação
Nacional de Agroecologia (Brasil). II. Título.

488 630.27450981



BH/MG • 31/maio a 3/junho de 2018

**MEMÓRIAS DO
IV ENA**

**AFETOS E REBELDIAS:
SOBRE AS FORÇAS QUE NOS MOVEM**

CADERNO 7





A Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) estimula a livre circulação deste texto. Sempre que for necessária a sua reprodução total ou parcial, solicitamos que o documento *Memórias do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA)* seja citado como fonte.

A versão eletrônica deste documento está disponível no site www.enagroecologia.org.br, onde também se encontram materiais complementares sobre o IV ENA, incluindo vídeos, fotos, reportagens e painéis de facilitação gráfica.

MEMÓRIAS DO IV ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (IV ENA)

CADERNO 7

Afetos e Rebeldias: sobre as forças que nos movem

Coordenação editorial

Flavia Londres

Sistematização, redação e edição

Angélica Almeida

Marcelo Almeida

Natália Almeida

Revisão técnica

Flavia Londres

Denis Monteiro

Viviane Brochardt

Revisão de texto

Consultexto, Gilka Resende, Hugo Maciel

Projeto gráfico, capa, tratamento de imagens e diagramação

Mariana Fonseca

Ilustração de capa

Letícia Abelha

Fotos

Arquivo Cobertura Colaborativa do IV ENA: Ana Flávia, Angélica Almeida, Aquiles Castro, Caio Santos, Camila Teixeira, Carú Dionísio, Cecília Figueiredo,

Cintia Barenho, Clara Comandolli de Souza, Cris Guimarães,
Cristiane Machado, Dowglas Silva, Eduardo di Napoli, Eliane Barros,
Élida Galvão, Eudes Costa, Fábio Maciel, Gilka Resende, Gisele Ramos,
Guilherme Assis, Helena Zelic, Ian Lara, Indi Gouveia, João Marcos Nunes,
Juliano Vilas Boas, Kayke Quadros, Laira Carnelós, Leandro Bugni,
Leonardo Koury, Lucas Abaporã Bois, Luiza Damigo, Luna Layse Almeida,
Márcio Andrade, Marlene Antônia, Maysa Leão, Nádia Nicolau, Natália Alves,
Nívea Martins, Paolo Marti G. P. de S. Viola, Paulo Castiglioni, Pedro Kolping,
Pedro Lovisi, Raiane Mechetti, Robervania Cunha, Sandra Ribeiro,
Sídivaldo Júlio Raimundo, Thaynara Policarpo, Tony Marlon, Upslon,
Viviane Brochardt e Wanessa Marinho

Contribuições para o Caderno 7

Angélica Almeida, Anna Crystina Alvarenga, Antonio Dias, Bruna Pardini,
Christina Grupioni, Cristiane Oliveira, Danúbia Gardênia, Denis Monteiro,
Fernando Rangel, Flavia Londres, João Sobral, Júlio Pacheco, Laura Barroso,
Leosmar Antônio, Lorena Anahi, Luísa Melgaço, Luiz Filho, Marcelo Almeida,
Mariana Fonseca, Míriam Nobre e Natália Almeida e Raro de Oliveira

Os textos do Caderno 7 foram elaborados e revisados coletivamente durante a Oficina de Imersão – Cadernos do IV ENA, realizada em dezembro de 2018. Essa oficina reuniu cerca de 20 pessoas representantes das supercomissões de trabalho, da secretaria executiva e das plenárias do IV ENA (mulheres, juventudes e indígenas), além da Secretaria Executiva da ANA e da equipe de sistematização dos cadernos. Algumas pessoas não participaram da oficina, mas contribuíram posteriormente com a revisão dos textos.

Tiragem

450 exemplares

SUMÁRIO

09

MEMÓRIAS DO IV ENA
JUNTAR CACOS PARA
CONSTRUIR VITRAIS

16

A IDENTIDADE DOS CADERNOS:
MEMÓRIAS DAS MULHERES

11

APRESENTAÇÃO DO IV ENA
MUITOS ENCONTROS,
UM TRANSBORDAR

17

QUEM SÃO AS MULHERES
QUE INSPIRAM O QUADRO

13

MEMÓRIAS EM MOVIMENTO:
COMO OS CADERNOS ESTÃO
ORGANIZADOS?
APRESENTAÇÃO DO PROCESSO
DE CONSTRUÇÃO E DO
CONTEÚDO DOS SETE CADERNOS

19

COMO USAR ESTES CADERNOS?

21

AFETOS E REBELDIAS: SOBRE AS
FORÇAS QUE NOS MOVEM

14

MAPA DE CADERNOS

24

NASCENTES DOS RIOS DO IV ENA

24

OFICINA DA ANA FORTALECE CONEXÕES
ENTRE COMUNICAÇÃO E AGROECOLOGIA

25

IV ENA SERÁ EM BELO HORIZONTE, EM 2018

26

AFLUENTES DAS HISTÓRIAS:
OS ERÊS - ENCONTROS
PREPARATÓRIOS REGIONAIS

26

ERÊ SUDESTE

30

ERÊ NORDESTE

31

ERÊ CENTRO-OESTE

32

ERA SUL

33

ERA AMAZÔNIA

34

O GRANDE BLOCO DO ENCONTRO

36

RIO DO TEMPO DO IV ENA

38

O DESAGUAR NO
MAR DE EXPERIÊNCIAS
E RESISTÊNCIAS

38

“SABERES, SONHO E TEIMOSIA”:
A AGROECOLOGIA NA ESTRADA
RUMO AO IV ENA

40

CINE CAFÉ AGROECOLOGIA: CASA ATARÉ

41

OFICINA DE FACILITAÇÃO GRÁFICA

42

ABERTURA DO IV ENA

43

PLENÁRIA DAS MULHERES

44

PLENÁRIA INDÍGENA

45

PLENÁRIA DAS JUVENTUDES

46

PLENÁRIA QUILOMBOLA

47

VIVÊNCIAS AGROECOLÓGICAS:
EXPERIÊNCIAS EM BH E REGIÃO
METROPOLITANA

59

ENCERRAMENTO

62

SOMOS FEITAS E FEITOS DE
HISTÓRIA - OS VENTOS QUE
CONTINUAM A SOPRAR!

67

MEMÓRIAS EM REDE
E VOZES DO IV ENA

78

VIVA AO IV ENA, SEM PAREDES,
QUE AINDA NÃO ACABOU

90

EXPRESSÕES

97

INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS

MEMÓRIAS DO IV ENA

JUNTAR CACOS PARA CONSTRUIR VITRAIS



AQUI ESTÃO REUNIDAS ALGUMAS MEMÓRIAS DE UM PROCESSO DIVERSO, DESCENTRALIZADO E PLURAL QUE OCUPOU E COLORIU AS RUAS DE BELO HORIZONTE (MG), MAS QUE, SOBRETUDO, MOBILIZOU DIFERENTES TERRITÓRIOS DO PAÍS.

Segundo Ecléa Bosi — mulher estudiosa das histórias e das recordações —, “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

E foi a partir de muito trabalho coletivo que esta publicação ganhou corpo; um trabalho desafiador de reconstruir os vitrais¹, os fios e os diversos caminhos percorridos na construção do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA).

Ecléa fala da memória, essa capacidade de conservar, lembrar e percorrer o vivido. Após 17 anos do nosso encontro no Rio de Janeiro (RJ), 12 anos depois do nosso encontro no Recife (PE) e 4 anos após o nosso encontro em Juazeiro (BA), realizamos novamente, em um contexto político tão desafiador, um processo nacional iluminado por um movimento descentralizado e coletivo.

Mesmo que você não tenha estado presencialmente no IV ENA, o convite aqui é para que escolha um lugar no Parque Municipal de Belo Horizonte para estar e para, pelo menos por alguns minutos, permitir-se algumas sensações. Ainda que nem todas e todos conheçam as ruas e os contornos da capital mineira, a terceira maior metrópole do país, é possível, de alguma forma, ouvir os tambores e ver as cores das bandeirolas entre árvores e bambus; é possível também contemplar e se maravilhar com a diversidade de pessoas, de saberes, de sabores, de “esperançares” vindos de norte a sul do Brasil.

Se esteve presente, procure a primeira memória, quem sabe a mais forte, a que mais emocionou você, e, a partir dela, percorra os momentos vividos durante aqueles dias. Sente-se, feche os olhos, respire fundo e deslize pelas páginas a seguir revivendo os

1. O subtítulo deste texto tem inspiração no texto Sistematização... Juntando cacos, construindo vitrais, de Elza Falkembach (disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3139554/mod_resource/content/1/Juntando%20cacos,%20construindo%20vitrais%20-%20Elza%20Maria%20Fonseca.pdf).

gostos e cheiros, lembrando os abraços dos reencontros, os sorrisos e acenos vindos de longe, do outro lado da multidão.

Essa diversidade fez de Belo Horizonte território de encontro para celebrar resistências e afirmar nossa força coletiva. Mesmo sem ter estado fisicamente no IV ENA, é possível sentir o coração aquecer e pulsar pela agroecologia, pela democracia, pela terra e pela defesa de tantos direitos ameaçados.

Organizada em sete cadernos, a sistematização do IV ENA é, assim, um convite para que possamos reviver e nos reencontrar com pessoas, sentimentos, desafios, denúncias, potências e muitos outros processos que compuseram um balaio diverso de atividades e lembranças.

Com a certeza de que qualquer mergulho neste processo seria incompleto, nossa sistematização foi artesanal. Exigiu bricolagens, novas pesquisas e escutas, idas e vindas aos vídeos e às fotos. Esforços grandes, mas seguros de sua incapacidade de retratar a riqueza de momentos, processos e conteúdos tão diversos e imersos em distintas complexidades e cuidados.

Este conjunto de cadernos é um presente à cidade de Belo Horizonte, que acolheu de braços abertos a construção desse território agroecológico e que se desafiou, neste contexto político e financeiro tão adverso, a receber muito mais de 2 mil pessoas no

Parque Municipal Américo Renné Giannetti, no Plug Minas e em vários cantos, casas e praças. É também um presente aos territórios, às mulheres, às juventudes, aos povos e às comunidades tradicionais que, com força e coragem, fizeram do IV ENA um sonho possível.

A capa de cada caderno, suas ilustrações e seu percurso de construção representaram desafios que compartilhamos com muito cuidado. Esperamos que este conjunto de cadernos desperte, remexa e conecte as memórias e as experiências que cada uma e cada um carrega, além de fortalecer os anúncios que as organizações, os coletivos e os movimentos sociais envolvidos neste bonito processo desejam visibilizar.

Em tempos de tantos retrocessos, desafios e medos, em que nossas memórias estão sendo apagadas, partilhar histórias tecidas pelo povo na construção de alternativas aos modelos predatórios de produção de alimentos e da vida nos parece um dos nossos compromissos políticos e pedagógicos na construção da nossa resistência.

Mais à frente, os textos apresentam melhor o IV ENA e o processo coletivo que tornou possível esta publicação. Desejamos um ótimo passeio pelas nossas memórias.

Com muito carinho,

Articulação Nacional de Agroecologia (ANA)

APRESENTAÇÃO DO IV ENA

**MUITOS ENCONTROS,
UM TRANSBORDAR!**

BELO HORIZONTE (MG) PRESENCIOU, ENTRE OS DIAS **31 DE MAIO E 3 DE JUNHO DE 2018**, A CULMINÂNCIA DE UM INTENSO PROCESSO DE AFIRMAÇÃO DA AGROECOLOGIA E DA DEMOCRACIA CONSTRUÍDO POR MÚLTIPLOS ATORES QUE COMPÕEM A ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (ANA) NOS MAIS DIVERSOS CONTEXTOS SOCIOAMBIENTAIS DO BRASIL.

Evocando os 30 anos da promulgação da Constituição Federal de 1988 e em torno do lema *Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade*, o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) reuniu, na capital mineira, mais de 2 mil participantes, além de aproximadamente 40 mil moradoras/es, que visitaram os espaços abertos do evento.

Corpos, cores, cheiros, sotaques, sabores, quereres e saberes de todos os estados brasileiros ocuparam o Parque Municipal Américo Renné Giannetti, ganhando centralidade, em meio à profusão de experiências, ao protagonismo das trabalhadoras e dos trabalhadores do campo, das florestas, das águas e das cidades. Enredadas/os na mesma construção do bem viver, marcaram presença no encontro povos indígenas de 38 etnias, quilombolas, camponesas/es, extrativistas, pescadoras/es,

faxinalenses, agricultoras/es familiares rurais e urbanas/os, geraizeiras/os, sertanejas/os, vazanteiras/os, quebradeiras de coco, caatingueiras/os, criadoras/es em fundos e fechos de pasto, seringueiras/os, representantes de comunidades ribeirinhas, de povos tradicionais de matriz africana e de povos de terreiro. Também participaram técnicas/os, educadoras/es, pesquisadoras/es, extensionistas e estudantes, gestoras/es públicas/os, representantes da cooperação internacional e aliadas/os da agroecologia vindas/os de 14 países da América Latina, do Caribe e da Europa.

Com 70% do público composto por agricultoras/es familiares, povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, o IV ENA aconteceu com participação paritária entre mulheres e homens, valorizando, de forma expressiva, a presença das juventudes.

Ao longo dos seus quatro dias de realização, a programação do Encontro contou com mais de 100 atividades, incluindo plenárias, seminários temáticos, tendas com instalações artístico-pedagógicas dos territórios, vivências e oficinas autogestionadas. Também foram promovidos a *Feira Saberes e Sabores*, a *Feira da Agrobiodiversidade*, o *Espaço da Saúde*, a *Ciranda Infantil* e apresentações artístico-culturais.

A efervescência de todo esse caldo político e cultural ganhou as ruas de Belo Horizonte em um ato público em favor da agroecologia e da democracia, seguido de uma farta partilha no *Banquete Popular Agroecológico*, que selou o Encontro.

Não só nos dias do IV ENA, mas também nos encontros regionais, estaduais e locais preparatórios, a expressão dessa construção coletiva, descentralizada e diversa reverberou nos diferentes territórios, dando visibilidade às experiências de sujeitos que resistem denunciando as ofensivas do modelo de desenvolvimento dominante e anunciando a potência dos

seus modos de existir, produzir e de defender o bem viver.

Para preservar a memória desse rico processo que transbordou nos dias do IV ENA e que permanece gerando frutos, preparamos uma coletânea de registros que conta os desafios e aprendizados desse importante fórum de agroecologia e seus legados para o movimento agroecológico brasileiro. São cadernos que trazem as vozes e diversidades da agroecologia, com o propósito de fazer emergir diferentes pautas, sentidos políticos, convergências e disputas travadas em torno da sustentabilidade da vida.

Esperamos que esta leitura possa despertar o desejo de um Brasil cada vez mais agroecológico — no pleno sentido do projeto de sociedade engendrado pela Articulação Nacional de Agroecologia e por seus sujeitos —, bem como inspirar e animar iniciativas diversas de construção de outra realidade possível: justa, democrática e solidária!

MEMÓRIAS EM MOVIMENTO: COMO OS CADERNOS ESTÃO ORGANIZADOS?

APRESENTAÇÃO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E DO CONTEÚDO DOS SETE CADERNOS

Lembrança puxa lembrança, e seria preciso um escutador infinito.

Ecléa Bosi

Neste processo de construção das memórias do IV ENA, a sistematização como um potente processo de registro, organização de conteúdo e de partilha sensível dos nossos aprendizados coletivos tornou-se para nós uma oportunidade de colher histórias e registros para além da feitura de um relatório.

Estes cadernos nasceram da preocupação da Secretaria Executiva e do Coletivo Nacional de Comunicação da ANA em construir um documento acessível, lúdico e com um investimento afetivo e técnico que pudesse partilhar um material com capacidade de diálogo com a sociedade — transbordando nossos campos mais convencionais de comunicação e “falando” para fora das nossas fronteiras de interação.

Com isso, optamos por investir energia em um material didático, no formato de caderno, afastando-nos um pouco da ideia inicial de anais — publicação extensa e co-

mumente usada para registrar encontros e eventos acadêmicos. Arriscamo-nos, assim, a produzir um material interativo, que se desafiasse a estar mais próximo às pessoas e mais presente em nosso cotidiano de trabalho, atuação, estudo e criação.

Cadernos possíveis de rabiscar, recriar, ajustar e comprometidos com esse desafio sempre incompleto de criar “escutadores”, como brinca Ecléa Bosi na epígrafe que abre esta apresentação. Cada relatoria, oficina, conversa, foto e vídeo reabriu uma caixa infinita de histórias. Por isso, temos certeza da incompletude deste material.

Outra aposta foi construir um conjunto de cadernos que impulsionassem outros processos pedagógicos e políticos nos territórios. Cadernos de memórias desenhados para serem disparadores de outras histórias e lembranças, reativando a potência do processo de construção do IV ENA.

Cadernos estes só possíveis pela colaboração de muitas mãos, rascunhados e palavrados por representantes de comissões diversas, em momentos e situações distintas. Esse material começou a ser sonhado coletivamente no Rio de Janeiro, em uma reunião no dia 10 de agosto de 2018, com parte da Comissão Organizadora do IV ENA, e, desde então, envolveu uma equipe composta por quatro pessoas, além da parceria atenta da Secretaria Executiva da ANA. Pessoas que mobilizaram muitas outras, em reconhecimento de que seria impossível sistematizar e expressar a beleza e força do Encontro sem partilhar seus princípios coletivos, descentralizados e diversos de construção.

Assim sendo, dois espaços presenciais mais ampliados foram convocados para reunir múltiplas cooperações: uma oficina sobre a alimentação e o *Banquete* do IV ENA, no dia 26 de outubro de 2018, em Belo Horizonte; e uma oficina de imersão, com pessoas das diferentes comissões organizadoras do Encontro, nos dias 6 e 7 de dezembro do mesmo ano, em Prudente de Moraes (MG), para compartilhar e revisar coletivamente o material até então elaborado, e também para colher complementações. Mantendo ainda, de forma permanente, diálogos virtuais e presenciais com essas/es e outras/os representantes.

MAPA DOS CADERNOS



CADERNO 1 – AS MUITAS MÃOS QUE SEMEIAM A AGROECOLOGIA E SE ENTRELÇAM NA ANA

Esse fascículo contextualiza as raízes que sustentam o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) e apresenta a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e a trajetória dos encontros nacionais para, então, adentrar a experiência do Encontro, sua constituição, sua realização, seus balanços e seus aprendizados.



CADERNO 2 – SENTIR, PENSAR E AGIR: O PROCESSO PREPARATÓRIO

Apresenta o intenso desenrolar de reflexões e ações que resultaram no IV ENA em Belo Horizonte. Além das estratégias, dinâmicas e atividades construídas pelas comissões organizadoras e supercomissões de trabalho, o Caderno 2 traz também alguns dados, histórias, desafios e aprendizados do processo preparatório do Encontro.



CADERNO 3 – O FAZER COLETIVO DA AGROECOLOGIA: METODOLOGIAS, PROCESSOS COLABORATIVOS E DIÁLOGO COM A SOCIEDADE

Partilha aprendizados sobre o processo de construção metodológica do IV ENA, apontando alguns dos seus princípios, e sistematiza em fichas-resumo algumas das diversas atividades que desenharam a programação do Encontro.



CADERNO 4 – SUJEITOS COLETIVOS: PROCESSOS AUTO-ORGANIZADOS E AS PLENÁRIAS NO IV ENA

Apresenta os principais diálogos construídos pelas mulheres, juventudes, indígenas e quilombolas em seus processos auto-organizados preparatórios ao IV ENA, bem como em suas plenárias ao longo do Encontro.



CADERNO 5 – SEMINÁRIOS TEMÁTICOS DO IV ENA: SEMEANTEIRAS DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO

Compartilha as experiências e reflexões de 14 atividades temáticas que aconteceram simultaneamente no IV ENA. Os temas que serviram de referência para cada seminário foram escolhidos devido ao potencial de aglutinar debates referentes à construção da agroecologia no Brasil e, dessa forma, catalisar novas aprendizagens e propostas de ação.



CADERNO 6 – A VOZ DOS TERRITÓRIOS: ANÚNCIOS E DENÚNCIAS DA AGROECOLOGIA

Esse é o caderno que colhe os frutos, as memórias, os anúncios e as denúncias que pulsam em diversos territórios. Seminários territoriais construídos a partir das *Instalações Artístico-Pedagógicas* são a matéria-prima dessa publicação, que traz sínteses, em mapas e tabelas, que reúnem as mais de 47 experiências agroecológicas socializadas durante as atividades.



CADERNO 7 – AFETOS E REBELDIAS: SOBRE AS FORÇAS QUE NOS MOVEM

Esse caderno fecha ou abre, dependendo do ponto de vista, o ciclo de memórias do IV ENA. Expressa, em imagens, depoimentos, números e emoções, o processo de construção do Encontro e o colorido de seus dias.

A IDENTIDADE DOS CADERNOS: MEMÓRIAS DAS MULHERES

O conceito proposto retrata em uma só tela sete mulheres cujas presença e liderança foram essenciais para a construção do IV ENA. A proposta foi de a tela servir como uma obra de arte em si mesma, mas também como ilustrações individuais de capa para os sete cadernos que compõem esta coletânea.

Essas mulheres representam, cada uma a seu modo, o coração do movimento agroecológico no Brasil. Conhecer um pouco de suas vidas e lutas nos últimos meses foi um sopro de esperança no cenário atual, tão propício a retrocessos e tão ameaçador para a vida desta terra que nos sustenta. Uma lembrança oportuna de quem realmente alimenta este país.

A intenção ao retratá-las, além da homenagem a personalidades específicas, é mostrar o rosto real das lutas agrárias, ambientais e sociais no Brasil — o que muitas vezes é perdido em meio aos ainda enraizados preconceitos e institucionalismos. São femininas as mãos que plantam nosso solo; negras, LGBTI+s, quilombolas, indígenas, curandeiras, camponesas e muito mais. Assim tem sido por toda a nossa história, e esse é um pequeno esforço no caminho do reconhecimento e da valorização do povo que verdadeiramente vive pelas terras brasileiras. Não para esgotar seus recursos de maneira predatória e gananciosa, mas para que elas floresçam, prosperem e alimentem com saúde suas filhas e seus filhos.



Esses rostos foram retratados em meio à natureza, que também protagoniza a agroecologia, entre rios, animais e plantas, que são verdadeiras riquezas deste país. Mananciais de vida que a terra tão generosamente oferece e que, nessa delicada e complexa teia socioambiental, tecem a manta necessária para nossa existência. As bandeirolas, as mandalas de sementes e o rio da vida são elementos afetivos

que simbolizaram o IV ENA, lembrando o Encontro construído a muitas mãos, a festa da celebração dos nossos esforços por uma vida mais saudável e harmônica. Um retrato possível do Brasil em suas cores e lutas tão variadas — as quais, nesta vasta extensão territorial, resistem de norte a sul. Que os frutos se multipliquem e que a terra esteja sempre fértil para o plantio de nossas esperanças!

QUEM SÃO AS MULHERES QUE INSPIRAM O QUADRO

JOANA FERNANDES SEBBEN: representante do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) da região oeste de Santa Catarina (SC). Joana é uma das entrevistadas do curta-metragem *Mulheres da Terra*, produzido pela Plural Filmes. Ela conta das experiências com sementes e da resistência da mulher camponesa no Sul do Brasil (Capa do Caderno 1).

MAYÓ PATAXÓ: terapeuta indígena da Aldeia Pataxó Nova Coroa (BA). É parceira e liderança em processos terapêuticos nos encontros de agroecologia, principalmente em Minas Gerais, onde anima uma cooperativa voltada aos cuidados, dentre os quais se destaca a Troca de Saberes, na Universidade Federal de Viçosa (UFV) (Capa do Caderno 2).

JULIANA DE MEDEIROS DINIZ: agricultora urbana de Magé (Região Metropolitana do Rio de Janeiro). É integrante do Grupo de Trabalho (GT) Mulheres da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (Aarj) e da Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU) e criadora, entre tantas magias, da farinha de jiló (Capa do Caderno 3).

AMANDA XUKURU: Amanda Leite Santos tem 24 anos e é mais conhecida no seu povo como Amanda Xukuru. Mora no território indígena Xukuru do Ororubá, na aldeia Capim Planta, na cidade de Pesqueira (PE). Faz parte do coletivo Juventude Xukuru do Ororubá Poyá Limolaygo (*Pé no Chão*). Kursou Agroecologia no Serviço de Tecnologia Alternativa (Serta), em Ibimirim (PE) (Capa do Caderno 4).

APARECIDA ARRUDA: mais conhecida como Tatinha, cultiva ervas, produz remédios caseiros de plantas medicinais e lanches naturais no Ervanário São Francisco, em Belo Horizonte, e compartilha seus conhecimentos em oficinas e cursos, bem como na Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana (Amau), da qual participa desde o seu início, em 2004 (Capa do Caderno 5).

DONA DIJÉ: Maria de Jesus Bringelo: mulher quilombola, maranhense, mãe e avó, quebradeira de coco-babaçu e fundadora do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB); liderança dos povos e comunidades tradicionais, fez sua passagem em setembro de 2018 (Capa do Caderno 6).

ALESSANDRA MUNDURUKU: jovem líder do povo Munduruku na Amazônia brasileira. Alessandra se juntou à luta de sua comunidade por sobrevivência quando esta foi ameaçada pela inundação do projeto da megabarragem da Usina Hidrelétrica do Tapajós, no Pará (Capa do Caderno 7).

COMO USAR ESTES CADERNOS?

*É do presente que parte o chamado
ao qual a lembrança responde.*

Henri Bergson

Ao longo de todos os cadernos, buscamos relembrar a sensível conexão entre discurso e prática. Esperamos que esta publicação possa colorir as prateleiras de organizações, universidades e bibliotecas, mas ir além.

Para nós, partilhar este conjunto de cadernos, desta forma, é mais uma maneira de reforçar a potência da agroecologia de construir novas relações, cuidados, formas de diálogo e ação política.

Listamos brevemente algumas poucas e singelas ideias que podem ser acionadas, além de muitas outras, para que todas e todos nós possamos assumir, nas nossas localidades, colégios, escolas, assentamentos, fóruns, Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs) e feiras (entre outros muitos espaços nos quais estamos presentes), esse compromisso coletivo de lançar em muitos ventos e terrenos férteis as sementes disseminadas no IV ENA:



enagroecologia.org.br

- Organizar lançamentos dos cadernos em espaços públicos, mesclando a apresentação do material com a exibição de vídeos, com celebrações musicais e gastronômicas.
- Realizar banquetes populares em espaços públicos.
- Fazer *releases* e divulgar o material na imprensa local, em sites e jornais regionais, promovendo entrevistas.
- Utilizar parte do material como referência de estudo em aulas, oficinas e palestras.
- Construir jornais murais síntese dos cadernos e expor nas comunidades rurais e urbanas.
- Promover rodas de mulheres para leitura de seções especiais.
- Elaborar varais, spots de rádio e exposições fotográficas com trechos, imagens e depoimentos dos cadernos.
- Visitar o site **Agroecologia em Rede** e inserir novos relatos e experiências no mapa de anúncios e denúncias.





AFETOS E REBELDIAS: SOBRE AS FORÇAS QUE NOS MOVEM

Construir, com tanta resistência, intensidade e carinho, um território agroecológico, cultural e afetivo transitório para muito mais de 2 mil pessoas deixa marcas. No coração da terceira maior metrópole do país, uma cidade de bambus e fitas coloridas, recheada pelos saberes, sabores e sons dos vários cantos do Brasil e do mundo. O Parque Municipal de Belo Horizonte (MG) pulsava: conversas e encontros, barracas e partilhas se espalhavam colorindo os gramados.

Em poucas palavras introdutórias, mas recheadas de imagens, tons, texturas e depoimentos, este caderno abre ou fecha — depende do caminho que se deseja percorrer — nosso processo de criação, de coleta conjunta de histórias partilhadas e de celebração do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA).

A ideia deste caderno nasce junto com o processo criativo e coletivo que deu origem ao desenho de toda esta coletânea sobre o IV ENA. Desde a primeira oficina de planejamento, nos parecia impossível contar essa história, relatar suas conquistas, seus desafios e seus processos políticos sem percorrer o sensível, o sutil, os diversos caminhos nos quais a solidarie-

dade ganhou lugar, encontrou brechas e coloriu os dias das inúmeras pessoas envolvidas na realização deste IV Encontro.

Este caderno, em especial, traz como ponto de partida e chegada nossos afetos e nossas denúncias, em um momento político brasileiro que nos exige reinventar práticas políticas, repensar caminhos organizativos e reconstruir ambientes democráticos.

Desafiando os aparentes limites entre razão e emoção, entre discurso e prática, entre teoria e ação, as imagens e provocações a seguir nos convidam a dançar pelas memórias do IV ENA; dissolver nossas visões unilaterais; enxergar com clareza as mãos erguidas ao nosso lado; e lembrar os sentimentos vividos e despertados, a força e potência do caminhar conjunto ao longo do IV ENA. Em um tempo histórico que, por muitos momentos, nos angustia, este caderno é um sopro, um deslocamento, mais um convite.

Se todos os cadernos são incompletos, este, certamente, traz à superfície uma parte muito pequena das muitas histórias que marcaram o IV ENA. As trocas nos ônibus, as dificuldades nas filas, o partilhar o alimento, o pular junto ao som das/os

artistas populares. As reuniões intermináveis e as conquistas de um movimento agroecológico que superou a maior greve das/os caminhoneiras/os da história.

Essas histórias estão guardadas, divididas e espalhadas a partir da vivência única de cada pessoa e organização, movimento ou comissão. Guardiães e guardiões dessa memória viva, pulsante e em movimento poderão, ao longo das páginas seguintes, interagir com perguntas e espaços de preenchimento propostos.

Fios, pedaços, pontos de vista, cacos, percepções... Inúmeras histórias sobre os processos preparatórios e sobre os 4 dias de Encontro. Combustíveis de um caderno que fala sobretudo do afeto e da rebeldia.



DE QUE AFETOS E REBELDIAS ESTAMOS FALANDO NA CONSTRUÇÃO DO IV EÇA?

a.fe.to |ét|

substantivo masculino

1. Impulso do ânimo; sua manifestação.
2. Sentimento, paixão.
3. Amizade, amor, simpatia.

adjetivo

4. Dedicado, afeiçoado.
5. Incumbido, entregue.

“afeto”

in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/afeto> [consultado em 08-03-2019].

re.bel.di.a

(rebelde + -ia)

substantivo feminino

1. Ato de se rebelar; rebelião.
2. Qualidade do que é rebelde.
3. [Figurado] Oposição.
4. Teimosia.

“rebeldia”

in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/rebeldia> [consultado em 08-03-2019].

NASCENTES DOS RIOS DO IV ENA



“Afeto é cuidado

Amor

Revolta

Fúria

Rebeldia

Enfrentamento”

OFICINA DA ANA FORTALECE CONEXÕES ENTRE COMUNICAÇÃO E AGROECOLOGIA



“Em um clima leve de acolhida, aconteceu, entre os dias 14 e 16 de março de 2017, em Salvador (BA), a Oficina de Comunicação da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). Participaram do encontro parceiras/os alinhadas/os à luta pela comunicação como direito humano fundamental, entre eles o coletivo de comunicação social Intervozes, a rede de comunicadores Mídia Ninja, o portal Brasil de Fato e a Articulação do Semiárido (ASA), que

nos contaram um pouco sobre suas trajetórias, seus desafios e seus êxitos, enriquecendo o debate a partir da partilha de suas experiências. Em comum, essas experiências trazem a lógica colaborativa, de intercâmbios e compartilhamentos horizontais de informação, da abordagem baseada na diversidade de perspectivas, e a autonomia narrativa, para além do latifúndio oligopolista da grande mídia monocultor de ideias.”

PARA LER MAIS:



www.aba-agroecologia.org.br/oficina-da-ana-fortalece-conexoes-entre-comunicacao-e-agroecologia

IV ENA SERÁ EM BELO HORIZONTE, EM 2018



“O IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA) acontecerá em Belo Horizonte (MG), em 2018. A expectativa é de que o Encontro seja realizado no primeiro semestre do ano. A decisão foi tomada na última plenária da Articulação Na-

cional de Agroecologia (ANA), realizada entre 4 e 6 de abril de 2017, na capital mineira. Participaram da plenária 70 representantes de diversos movimentos sociais do campo e da floresta, redes estaduais de agroecologia e redes regionais do campo e da cidade com atuação nas cinco regiões brasileiras. ‘O IV ENA já começou, e a plenária foi um marco nesta construção’, explica Denis Monteiro, secretário-executivo da ANA. Ele ressalta a importância do processo de mobilização para o Encontro, que terá várias atividades previstas para acontecer nos territórios, valorizando as dinâmicas e experiências locais em agroecologia. Durante o processo preparatório, será feito um resgate da história, da construção da agroecologia nos territórios, desde os anos 1980 até hoje.”



PARA SABER MAIS:

www.agroecologia.org.br/2017/04/18/iv-ena-sera-em-belo-horizonte-em-2018

“No III ENA, falávamos que éramos livres.
Sabemos que só quem sofre para criar
asas é quem entende de liberdade².”

2. Depoimento feito no IV ENA inspirado em um trecho do poema Borboleta, de Caio Menezes:
Procure a felicidade. / A borboleta, à vontade, / Escolheu a sua casa. / Quem sofreu pra criar asa
/ Entende de liberdade.

AFLUENTES DAS HISTÓRIAS: OS ERÊS – ENCONTROS PREPARATÓRIOS REGIONAIS

ERÊ SUDESTE

“Avança a caminhada agroecológica pelo Brasil: ERÊ Sudeste é o primeiro de 5 encontros regionais preparatórios ao IV ENA.”

“Para combinar com o início da primavera, o mês de outubro em Belo Horizonte floresce com a mobilização em torno da agroecologia e da agricultura urbana trazida pelo Encontro Regional Sudeste de Agroecologia (ERÊ). A expectativa é reunir cerca de 300 pessoas, entre as quais agricultoras/es familiares e urbanas/os, povos tradicionais, movimentos sociais, organizações da sociedade civil, estudantes e técnicas/os, dos 4 estados do Sudeste, além de representantes de outras regiões do país.

O ERÊ e o Festival Estadual de Arte e Cultura da Reforma Agrária: o ERÊ acontecerá em confluência com o Festival Estadual de Arte e Cultura da Reforma Agrária, realizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), entre os dias 6 e 8 de outubro de 2017. As atividades acontecerão em formato de constelação, em espaços em torno da Praça da Estação: Centro de Referência da Juventude (CRJ), Centro Público de Economia Solidária (Cepes), Serraria Souza Pinto e o famoso Viaduto de Santa Tereza.”



PARA LER A MATÉRIA COMPLETA:

www.agroecologia.org.br/2017/09/29/avanca-a-caminhada-agroecologica-pelo-brasil-ere-sudeste-e-o-primeiro-de-cinco-encontros-regionais-preparatorios-ao-iv-ena







ERÊ NORDESTE

“Fruto da mobilização de várias organizações, movimentos sociais e instituições de pesquisa e ensino, o ERÊ Nordeste visa o fortalecimento da agroecologia na Região. Delegações de todos os estados do Nordeste que hasteiam a bandeira da agroecologia e da melhoria da qualidade de vida no campo, unindo-a a uma convivência harmoniosa com a cidade, estão reunidas no campus da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), no Recife, durante o Encontro Regional de Agroecologia (ERÊ/NE).”



PARA LER AS MATÉRIAS COMPLETAS:

- ▶ <https://medium.com/@diaconiabr/er%C3%AA-nordeste-tem-in%C3%ADcio-no-recife-a7bd63615572>
- ▶ <https://cofaspi.com.br/ere-nordeste>



ERÊ CENTRO-OESTE

“Territórios de resistência ao agronegócio, movimentos sociais e organizações da sociedade civil do Centro-Oeste promoverão, pela primeira vez, um evento regional preparatório ao Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), cuja quarta edição ocorrerá daqui a dois meses em Belo Horizonte (MG). Cerca de 100 representantes de entidades do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e do Distrito Federal se reunirão em Brasília, entre 4 e 6 de abril, para a realização do Encontro Regional de Agroecologia (ERÊ) Centro-Oeste. Assim como o IV ENA, organizado pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), a etapa regional terá como lema Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade.”



**PARA LER A MATÉRIA COMPLETA E ACESSAR O
ÁLBUM DO ERÊ CENTRO-OESTE NO FLICKR DA ANA:**

- ▶ www.agroecologia.org.br/tag/ere-centro-oeste
- ▶ www.flickr.com/photos/135192960@N07/albums/72157672568758788



ERA SUL



“Uma das coisas que me move na agroecologia é a teimosia, a insistência de continuar.”

Noemi Krefta – Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), Santa Catarina

“Num cenário de crescentes ameaças e direitos garantidos em risco, a agroecologia é a resistência e o compromisso. Nosso encontro tem o objetivo de fortalecer e dar visibilidade às redes de agroecologia do Sul do Brasil. Esperamos que esses dois dias sejam para aprendizado e que voltemos para casa com novos saberes e opiniões.



ERA AMAZÔNIA

“Por Territórios Livres e Soberania Popular na Amazônia! A partir deste lema, dezenas de agricultores, agroextrativistas, pescadores, ribeirinhos, indígenas, quilombolas e militantes dos movimentos sociais estarão reunidos durante a realização do IV Encontro Regional de Agroecologia (ERA), a ocorrer no período de 5 a 9 de novembro, no Pará. Resultando na extensão do IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), realizado no início de junho pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), em Belo Horizonte (MG), o ERA tem o objetivo de dialogar com a população sobre a importância da agroecologia enquanto movimento de luta em defesa do território, dos bens comuns, da segurança alimentar e nutricional e do fortalecimento dos direitos de povos e comunidades tradicionais da Amazônia, sejam eles do campo ou da cidade.”



PARA LER AS MATÉRIAS COMPLETAS:

- ▶ www.ecoamazonia.org.br/2018/11/belem-reune-comunidades-amazonia-legal-debater-agroecologia
- ▶ www.agroecologia.org.br/2018/11/08/amazonia-unida-pela-agroecologia
- ▶ www.fundodema.org.br/conteudos/noticias-fundo-dema/42547/encontro-regional-de-agroecologia-ocorre-no-para



O GRANDE BLOCO DO ENCONTRO



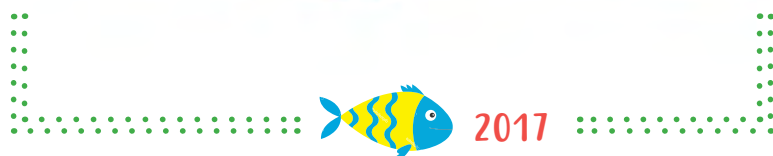
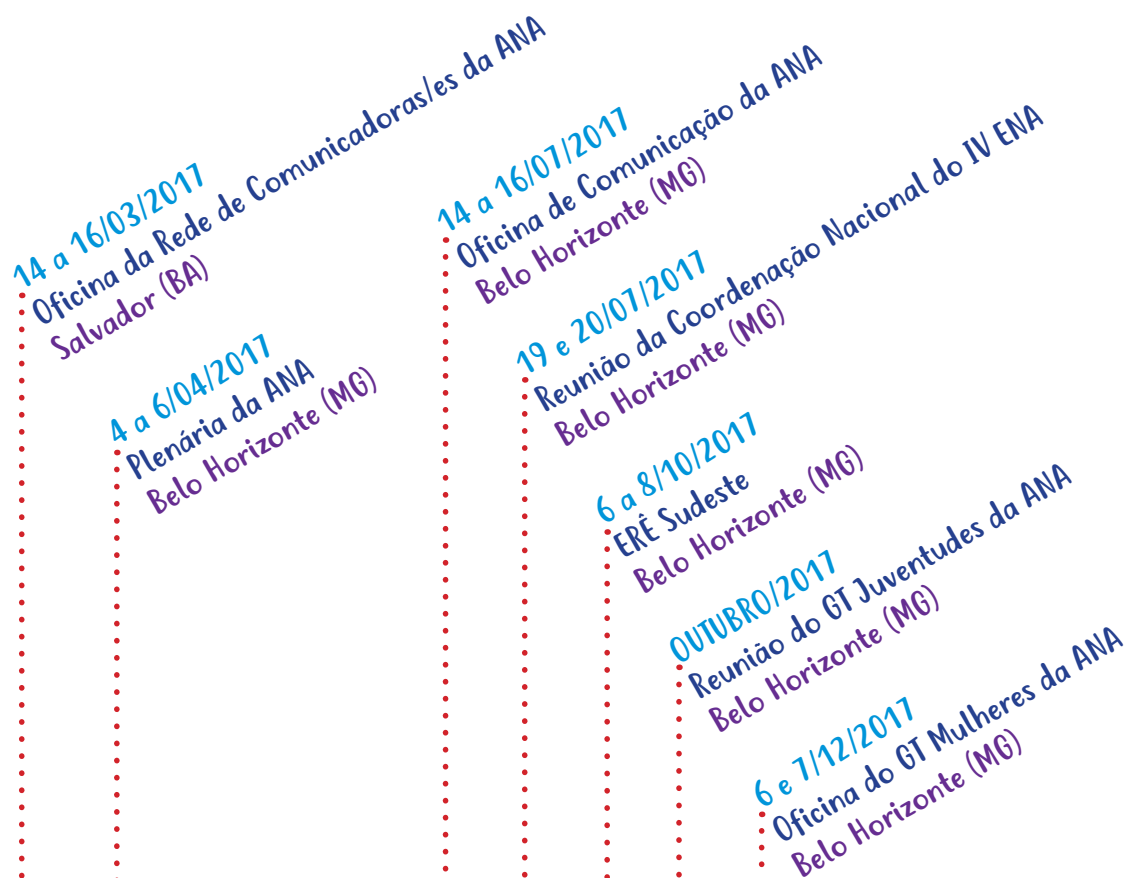
O Grande Bloco do Encontro foi criado em 2018 a partir do IV Encontro Nacional de Agroecologia. O objetivo da agremiação é fortalecer e unir mais moradores da região oeste de Belo Horizonte. Em 2019, houve a integração com outros movimentos locais — Unidos do Oeste, Bethânia Custosa, Parque Jardim América, Movimento Agroecológico de Transformação Urbana (Matu) e o Bloco Arrasta Favela —, unindo forças na luta pelo direito à cidade,

pela conservação das áreas verdes, pela defesa da agricultura urbana e pela valorização das diversidades culturais da região. Ainda na edição de 2019, o bloco, com uma bateria composta por 50 pessoas, saiu em cortejo pelas ruas do Jardim América e teve como objetivo chamar atenção para a comunidade da Vila Barão.





RIO DO TEMPO DO IV ENA



1º/02/2018
Reunião da Comissão
Organizadora Estadual
Belo Horizonte (MG)

28/02/2018
Reunião da Comissão
Organizadora Estadual
Mário Campos (MG)

FEVEREIRO/2018
Reunião do GT Juventudes da ANA
Belo Horizonte (MG)

12/03/2018
Reunião do GT Mulheres da ANA
São Paulo (SP)

16 e 17/03/2018
Reunião da Comissão Organizadora Estadual
Belo Horizonte (MG)

4 a 6/04/2018
ERÊ Centro-Oeste
Brasília (DF)

MAIO/2018
Reunião do GT Juventudes da ANA
Belo Horizonte (MG)

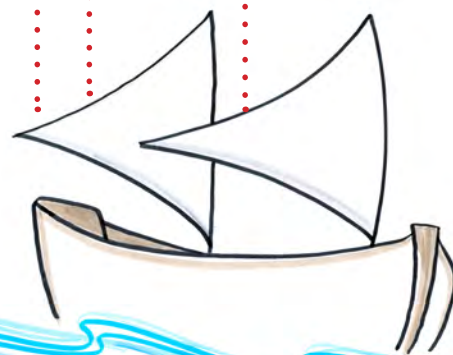
31/05 a 03/06/2018
IV ENA
Belo Horizonte (MG)

15/6/2018
Reunião Estadual de Avaliação do IV ENA
Belo Horizonte (MG)

6 a 9/11/2018
ERA Amazônia
Belém e Abaetetuba (PA)

27 e 28/02/2018
ERÊ Nordeste
Recife (PE)

12 a 14/03/2018
ERA Sul
Chapécó (SC)



O DESAGUAR NO MAR DE EXPERIÊNCIAS E RESISTÊNCIAS



"SABERES, SONHO E TEIMOSIA": A AGROECOLOGIA NA ESTRADA RUMO AO IV ENA!

"Saberes, sonho e teimosia. A esperança vai à nossa frente, na caravana da agroecologia."

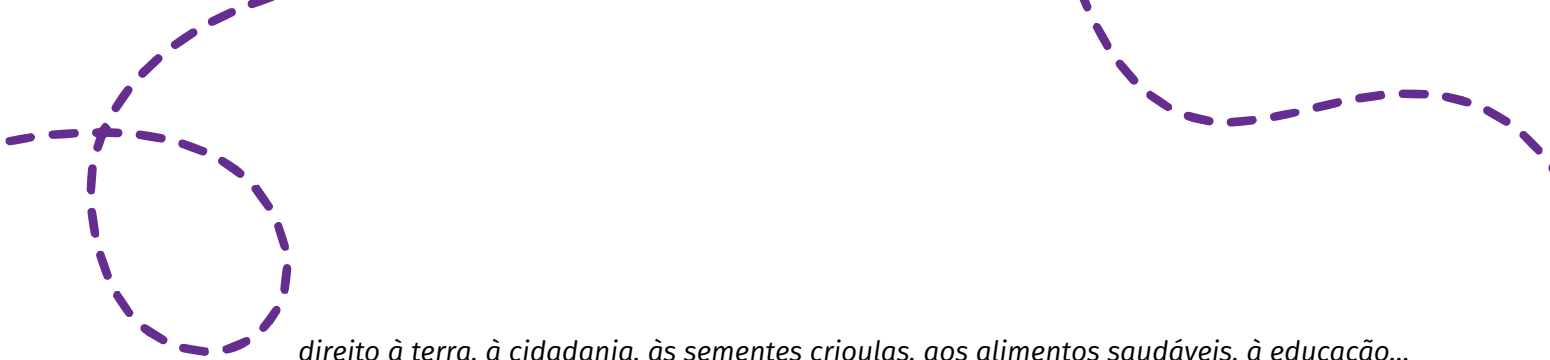
José Aparecido, agricultor e cantor popular

"Na preparação da ida pro IV ENA, vivemos um momento muito tenso com a greve das/dos caminhoneiras/os, pois seríamos a caravana mais distante, percorrendo 2.995 km de ônibus de Rondônia e outras regiões da Amazônia. Enquanto representantes da Rede de Agroecologia Terra sem Males, Instituto Padre Ezequiel Ramim e parceiros, aumentamos a atenção aos cuidados da delegação e aguardamos o posicionamento da Coordenação Nacional do Encontro.

Na Amazônia, encaramos o difícil enfrentamento com o agronegócio, com o capital, com as grandes obras e hidrelétricas, e o povo de Rondônia é filho de migrante, somos gente de todo o Brasil que, por um motivo ou outro, teve que migrar pra cá. Então, não pensamos duas vezes: as atividades começam a acontecer a partir das nossas decisões! Com essa resistência de luta, de caminhada e também de reencontro — pelo menos metade da caravana tinha algum familiar em Minas Gerais —, decidimos encarar o desafio, com 50 agricultoras/es, homens, mulheres, jovens e 2 crianças.

Organizamos as famílias: quem é pai e mãe se organizou para que os que ficariam por aqui se cuidassem, caso a paralisação tivesse sequência. Todo mundo se preparou para ter na bagagem uma parcela de alimentos e produtos para exposição e venda e outra parcela para consumo, considerando que poderíamos chegar até BH; poderíamos ficar em outro estado, como Mato Grosso ou Goiás, talvez longe da cidade e dos mercados; como também poderíamos nem chegar a sair do estado.

Encaramos a viagem como um momento de mobilização, nos solidarizando com a greve das/dos caminhoneiras/os e levando nossos anseios, nossas demandas e nossas necessidades para seguir na construção da agroecologia, com as nossas bandeiras de luta: pelo



direito à terra, à cidadania, às sementes crioulas, aos alimentos saudáveis, à educação... Nós estávamos indo com consciência de que o ENA já estava acontecendo. Se tudo corresse bem, a gente ia colocar em prática o cronograma para o qual nos preparamos nos últimos anos de trabalho. Mas, se a gente não chegasse a BH, o ENA já estaria acontecendo para nós!

Foi fundamental a ousadia das juventudes! Como partimos de Porto Velho, que se encontra já próximo à divisa com a Bolívia, levamos mais de 12 horas para sair do estado, buscando gente às margens da BR-364, em todas as cidades de Rondônia. Fizemos um mapa da nossa viagem e permanecemos em contato com as pessoas que embarcariam no caminho. Nas últimas horas, muitas/os agricultoras/es decidiram ficar no território e cederam suas vagas para seus filhos e filhas, jovens vizinhas/os e outras/os que constroem o movimento agroecológico na região.

Seguimos firmes e pegamos o vácuo da greve: BR livre e combustível em todos os postos, já que as carretas estavam paradas. Nesse espírito amazônico, de migrante, de coragem, de força, de desafio, apostamos, acreditamos, confiamos e correu tudo certo, graças ao bom Deus!

Pra gente, foram destaques a participação de cinco indígenas da etnia Arara na caravana e o lançamento do livro sobre o cardápio indígena. Povos saindo da aldeia, apresentando os hábitos alimentares da floresta, partilhando generosamente informações passadas de geração a geração, em nível nacional.

Também nos orgulhamos da diversidade da nossa caravana! Participaram conosco representantes quilombolas, ribeirinhas/os, extrativistas, camponesas/es, acadêmicas/os, filhas/os de agricultoras/es, jovens que lutam e promovem a educação do campo, alunas/os da Escola Família Agrícola (EFA), alunas/os de educação ambiental, povos que lutam pelo direito dos territórios amazônicos.

Somos gente de sangue forte nas veias e com muita determinação para mudança, e este IV ENA nos deixa esta inspiração: muitos sabores e saberes de guerreiras e guerreiros pela dignidade, em defesa da vida e do planeta. Seguiremos construindo, semeando vidas, sementes boas por onde passarmos... Nos encontraremos nas jornadas da luta/vida!” **Francisco de Assis (Chicão)**

“Nós não somos frouxos. Na nossa vida, nada veio fácil. Se precisar ir de chinelo, vamos de chinelo e, se não tiver, vamos descalços. Porque a gente é povo de luta na construção da agroecologia.” **Maria Rodrigues, liderança do Assentamento Bela Vista em Iperó, no estado de São Paulo**

“COM QUANTAS MÃOS SE TECE A
REDE DO IV ENA? SALVE, BEAGÁ!”

CINE CAFÉ AGROECOLOGIA: CASA ATARÉ

No dia 27 de maio de 2018, domingo que antecede ao IV ENA, às 17 horas, a edição especial do *Cine Café Agroecologia* acontece já no território agroecológico e cultural de Beagá. A atividade contará com uma mesa da partilha com alimentos agroecológicos da Região Metropolitana de BH e com mudas e chás produzidos pelas mulheres ervaíras da Articulação Mineira de Agricultura Urbana. Essa mistura de sabores e saberes acontece para receber a exibição de dois curtas-metragens:

- *Benzedeiras – Ofício Tradicional*, com roteiro e direção da cineasta, pesquisadora e professora Lia March e produção da Olaria Projetos de Arte e Educação.
- *Araucária*, filme de Julia Aguiar que retrata a busca poética e reflexiva em torno da Araucária, a majestosa espécie arbórea que sustenta relações ecológicas fundamentais e se encontra ameaçada de extinção pela ação humana.

A atividade preparatória para o IV ENA, aberta a todas e todos, é fruto da articulação do Grupo de Trabalho de Cultura e Comunicação da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia) com a Casa Ataré.



PARA LER A MATÉRIA COMPLETA:

www.facebook.com/events/127248684815001/?ti=icl



Domingo | 27/5

Casa Ataré – Santa Teresa



IV ENA ENCONTRO NACIONAL
DE AGROECOLOGIA
AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADÃO

OFICINA DE FACILITAÇÃO GRÁFICA



“Convido todas e todos que gostariam de aprender um pouco sobre facilitação gráfica para se juntarem a nós hoje na @casa_atare para uma Oficina de Facilitação Gráfica Popular. O objetivo da oficina é preparar voluntárias e voluntários para atuarem no IV ENA! Como forma de colaborar para a manutenção do espaço que está nos acolhendo, solicitamos uma contribuição espontânea.

Quando: 30/05 – das 20h às 22h

Onde: Casa Ataré – Rua Eurita, 285, Santa Tereza, BH

Vamos juntxs colorir o IV ENA!”

TEXTO DO INSTAGRAM DE MURIEL DUARTE



ABERTURA DO IV ENA

“Um abraço dado de bom coração é o mesmo que uma prece, uma prece, uma bênção.”

Canto de umbanda

“É com muita defumação, reza e saudações aos que vieram antes de nós que damos início ao IV Encontro Nacional de Agroecologia, nesse horizonte que é belo e de utopia na construção de um mundo mais justo e solidário. Estamos representando aqui nossos ancestrais, que usaram as plantas medicinais não só para curar as dores do corpo, mas da alma. Respeitem as benzedeiras e as rezadeiras. Que os grandes espíritos venham abençoar a abertura desses trabalhos. Salve o rei Sol, salve a mãe Lua, salve a Estrela Guia. ‘Um abraço dado de bom coração é o mesmo que uma bênção, uma bênção, meu irmão!’”



“A/O nutricionista vê pelo nutritivo; a/o agricultora/ agricultor, pela sazonalidade; a/o cozinheira/o, pelos alimentos que estão disponíveis.”

Cristiane Oliveira, Comissão de Alimentação do IV ENA

PLENÁRIA DAS MULHERES

~~~~~ “As mulheres são como água:  
quanto mais se juntam, mais força elas têm.” ~~~~~

*“A agroecologia cria unidade nos movimentos sociais do campo, com a retomada da cultura camponesa, em torno das lutas e do projeto de sociedade para uma vida digna. As mulheres têm um papel fundamental nesse projeto, por isso somos mais da metade nesse ENA.”*

*“É preciso pensar a agroecologia como um projeto de sociedade que é baseado numa luta antirracista, antimachista e antipatriarcal, porque, se tem racismo, machismo e patriarcalismo, não existe agroecologia. Pode ter produção sem veneno, pode ter preservação do meio ambiente, mas agroecologia não existe! E nós, mulheres, somos protagonistas desse processo; a gente tá avante nesse processo, nessa construção.”*

**Lucineia Freitas – MST**





## PLENÁRIA INDÍGENA

*“A Mãe Terra é a senhora do tempo e do espaço e fonte de vida. O espaço vital onde produzimos e de onde extraímos nossos alimentos.”*

*“A sociedade não indígena pode aprender muito com os povos indígenas ou nações originárias, que sempre estiveram ligadas com a terra e tudo que ela implica. A interconectividade entre ser humano e natureza gera uma relação de reciprocidade como combustível para o viver bem. Tudo que há em matéria na natureza contém espiritualidade e, por isso, necessita de absoluta consideração, respeito e cuidado. A exploração causa o desequilíbrio entre o homem e o divino, e as consequências se materializam em forma de comportamento nocivo dos fenômenos da natureza, gerando danos não somente à população indígena, mas ao planeta. Nessa cosmovisão, o homem não se entende desconectado da natureza, e sim necessita dela para o bem viver. Natureza, cultura e produção são, sobretudo, aspectos inseparáveis que permitem a construção de saberes. É nesse sentido que nós, povos indígenas, afirmamos que é preciso fortalecer e resgatar a rica espiritualidade dos povos ancestrais e sua interrelação com a natureza em nossos territórios imemorialmente agroecológicos.”*





## PLENÁRIA DAS JUVENTUDES



*“Pra mim, foi muito gratificante aprender para multiplicar nas bases. Ver que nessa luta eu não estou só, que o Brasil todo está querendo juntar o campo e a cidade em prol da agroecologia, que é o que realmente interessa pra nós da Comissão de Jovens. E representar a Comissão no ENA é de um orgulho imenso, porque está dando visibilidade às juventudes camponesas, que são vistas pela grande população como pessoas que não querem trabalhar. Mostramos para esse povo que ele está enganado, a gente está aqui mostrando que trabalhamos e que vamos ocupar nosso espaço. Juventude que ousa lutar constrói o poder popular!”* **Ferreira Lima faz parte da Comissão de Jovens Multiplicadores da Agroecologia. Ele é do município de Catende – Zona da Mata Sul de Pernambuco**



## PLENÁRIA QUILOMBOLA

*“A agroecologia está presente na nossa ancestralidade, na nossa cultura. A gente só pode e só vai sobreviver se enfrentar essa injustiça racial, essa injustiça do capital. Os quilombos precisam ter o que é seu por direito, pois, sem terra, sem espaço para produzir e vender nossos produtos, sem a garantia de que nossos filhos possam estudar em uma escola que consiga respeitar esse conhecimento, não vai existir agroecologia.”*  
**Ângela Maria da Silva Gomes, Movimento Negro Unificado (MNU) de Belo Horizonte (MG)**

**“SEM TERRITÓRIO, NÃO HÁ AGROECOLOGIA NEM  
GARANTIA DA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL!”**



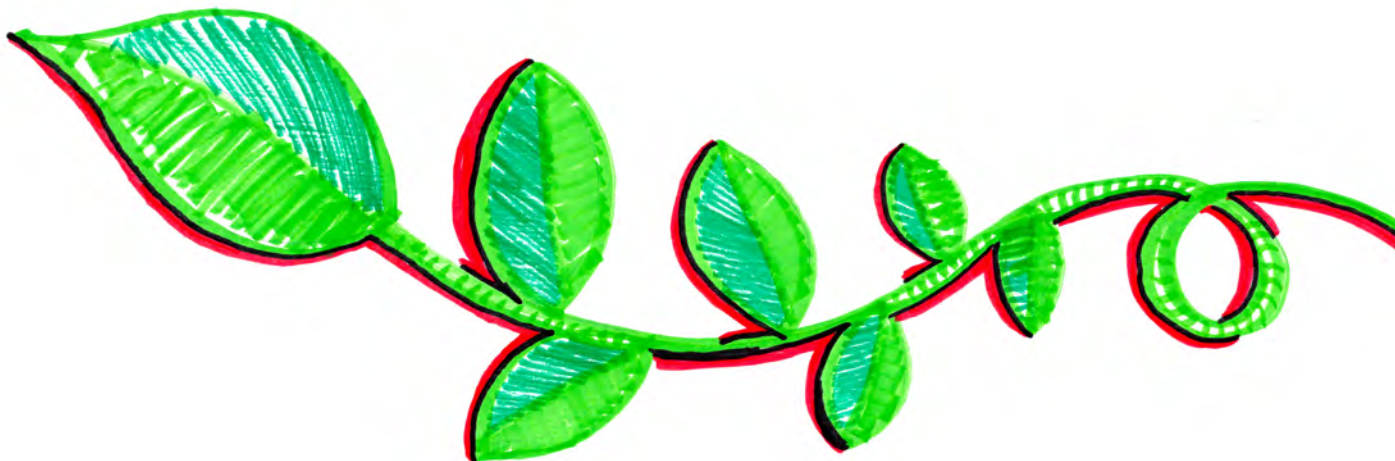
## **VIVÊNCIAS AGROECOLÓGICAS: EXPERIÊNCIAS EM BH E REGIÃO METROPOLITANA**

No sábado, dia 2 de junho de 2018, as/os participantes do IV ENA se dividiram em 13 visitas a experiências agroecológicas e de resistência urbana em Belo Horizonte e na Região Metropolitana que abordam temas como terra e território, produção alimentar, saúde, educação, comunicação, cultura, organização social, direito à cidade, entre outros.

### **ESPAÇO COMUM LUIZ ESTRELA**

Em outubro de 2013, um grupo de artistas e ativistas de Belo Horizonte ocupou um casarão histórico, de propriedade do Governo Estadual de Minas Gerais, que estava abandonado há 19 anos. A abertura do emblemático casarão deu início ao Espaço Comum Luiz Estrela, criado com o objetivo de salvar o imóvel tombado da total deterioração e também de convertê-lo em um espaço livre de formação artística, aberto e autogestionado. Desde então, o prédio vem recebendo em seu pátio externo uma série de atividades culturais.

Em 5 anos de existência, o Espaço Comum Luiz Estrela já havia acolhido incontáveis eventos artísticos, culturais, políticos e acadêmicos. Também já foi ponto de distribuição do projeto Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA). Trata-se de um local com grande potencial de agenciamento campo-cidade, a partir dos movimentos sociais e ativistas envolvidos com o Espaço. A vivência que ocorreu durante o IV ENA instigou as pessoas participantes a pensar a convergência entre a permacultura e a ocupação de espaços/imóveis públicos urbanos.

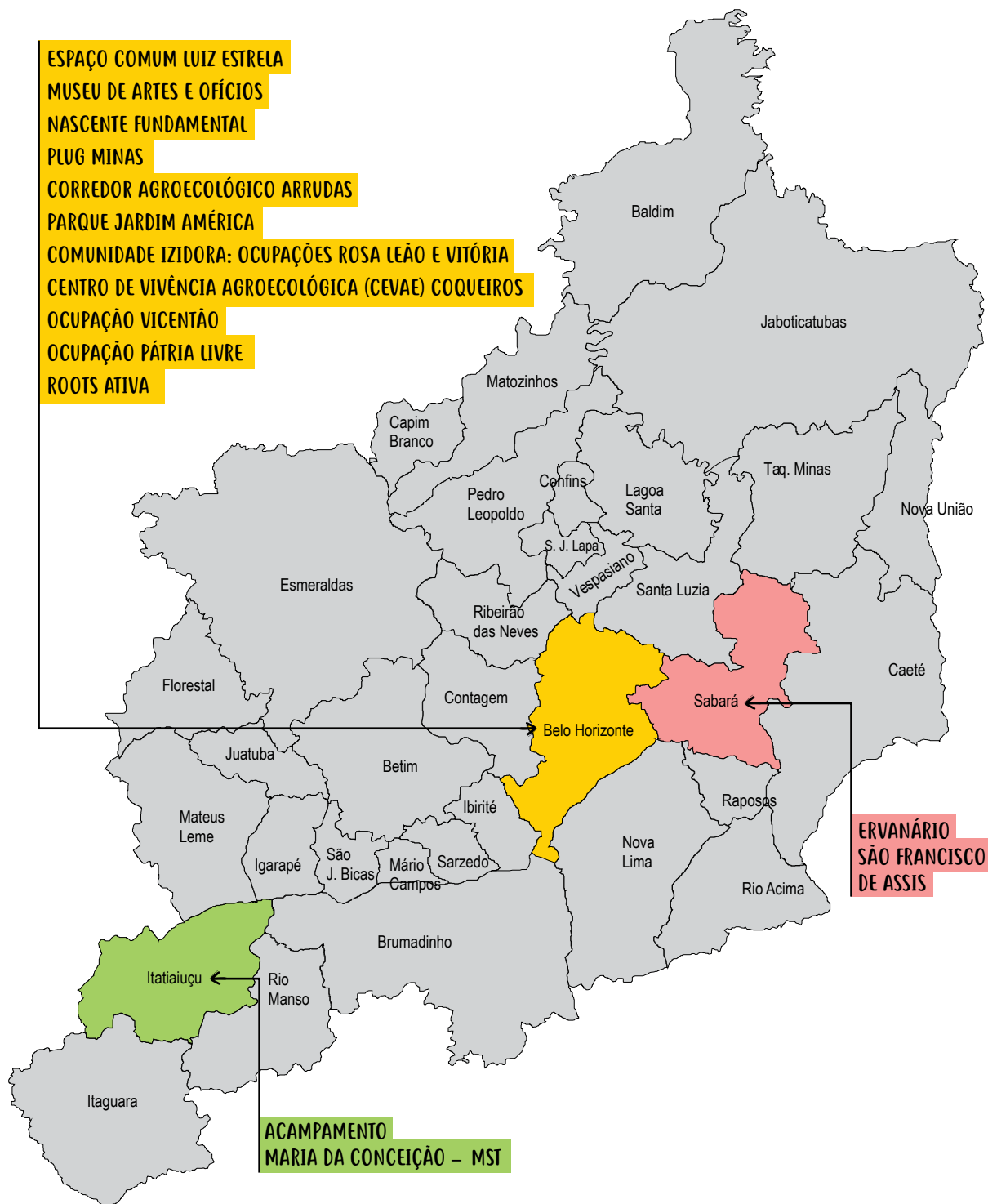




## MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS

O Museu de Artes e Ofícios foi implantado em outubro de 2000 e abriga um acervo bastante representativo da história do trabalho pré-industrial no país. Durante vivência realizada durante o IV ENA, duas rotas foram percorridas. Uma delas foi *Mulheres e Ofícios*, que pretendeu, por meio do reconhecimento da invisibilidade e desvalorização do trabalho das mulheres, investigar as identidades da mulher no mundo do trabalho, suas realizações, seus “gestos”, sua inserção no contexto social e os estigmas que permeiam a sociedade atual. Buscou-se ainda perceber os costumes e outros traços culturais que ampliam o debate sobre gênero, trabalho e cidadania. A outra rota foi *Ofícios da Terra*, que destacou o que vem da terra e os trabalhos relacionados à produção do açúcar, da rapadura, da cachaça, do café, da mandioca, assim como uma série de ferramentas utilizadas na produção agrícola.







## PLUG MINAS

O Plug Minas – Centro de Formação e Experimentação Digital é um projeto do Governo de Minas Gerais dedicado à juventude. Desde 2009, jovens de 14 a 24 anos, que estudam ou se formaram na rede pública de ensino de Minas Gerais e que moram em BH ou na Região Metropolitana, participam de atividades nas áreas de empreendedorismo, moda, novas tecnologias, artes e idiomas. Durante a vivência no IV ENA, foram realizadas oficinas de jardinagem comestível e compostagem, ambas pensadas para atender às demandas das/os estudantes e ao contexto do espaço da escola.



## NASCENTE FUNDAMENTAL

Localizada na região do Baixo Onça, uma zona de ocupação recente na capital mineira e uma das mais novas fronteiras de expansão de Belo Horizonte, a Nascente Fundamental é uma área que está sendo recuperada pela comunidade e por organizações parceiras, através de ações coletivas de estruturação e manutenção do espaço público. Durante a vivência no IV ENA, foi realizada uma conversa sobre a história e o contexto da área e organizado um mutirão para auxiliar na manutenção da nascente e seu entorno. Também foi realizada uma visita à Casa Comum – espaço de uma antiga fazenda que já foi sede da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa MG) e, atualmente, está cedida ao Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu (Comupra) e seus parceiros para a realização de reuniões, formações e encontros.





## CORREDOR AGROECOLÓGICO ARRUDAS

O Corredor Agroecológico Arrudas é uma proposta de ressignificação do espaço urbano por meio da agroecologia. É um espaço de diálogo e prática com a cidade de Belo Horizonte sobre as iniciativas e possibilidades de produção agroecológica urbana. Promoção do convívio, da cultura e do lazer, da mobilidade ativa, da agrobiodiversidade, da produção e do consumo de alimentos saudáveis, da reutilização de resíduos e da proteção das águas são as ações previstas para esse espaço. No IV ENA, as/os participantes da vivência conheceram um trecho do Corredor Agroecológico Arrudas, ainda em construção, e de sua diversidade.





## ERVANÁRIO SÃO FRANCISCO DE ASSIS

O Ervanário São Francisco de Assis é uma experiência familiar que, desde 1994, trabalha com medicina popular e alimentação natural. Em Sabará (MG), Aparecida Arruda, mais conhecida como Tantinha, pratica seus saberes de raizeira, cultiva hortas urbanas e manipula plantas medicinais, propagando a consciência da preservação e da apropriação social da natureza. Durante a vivência no IV ENA, foram realizadas uma caminhada para a identificação de plantas medicinais do Cerrado e uma prática envolvendo o trabalho com plantas medicinais.



 *farmacinhas populares*  
ESSE CONHECIMENTO  
NÃO TEM DONOS,  
TEM HERDEIROS.

## **CENTRO DE VIVÊNCIA AGROECOLÓGICA (CEVAE) COQUEIROS**

O Centro de Vivência Agroecológica (Cevae) é um programa criado pela Prefeitura de Belo Horizonte, em 1995, como uma política de meio ambiente e segurança alimentar. A proposta foi de que os Cevaes se transformassem em espaços de convivência de experiências diversas, tendo como foco principal temas ambientais ligados ao desenvolvimento da agricultura urbana. Em um espaço privilegiado, o Cevae Coqueiros planeja, acompanha e analisa as demandas das várias instituições municipais com as quais divide sua área. Sua função é sensibilizar e capacitar a comunidade e as/os representantes de instituições que atuam no local, formando uma rede de troca de experiências e realizações conjuntas para a melhoria ambiental. A vivência proporcionou o conhecimento dessa iniciativa municipal, além da troca de experiências entre as pessoas.

## **OCUPAÇÃO VICENTÃO**

A ocupação de famílias sem-teto nasceu no ano de 2018, em um imóvel localizado no Centro de Belo Horizonte, como fruto da organização e da coragem das mulheres, dos homens, das crianças e das/os idosas/os que desatam as correntes da opressão e se colocam em luta por uma cidade onde caibam todas e todos. A Ocupação Vicentão acredita e constrói sua luta para fazer valer o direito à cidade como expressão do direito à moradia, ao lazer, à cultura e, essencialmente, como o direito de transformar a cidade, de forma a atender seus reais interesses, desejos e sonhos. A vivência realizada durante o IV ENA abordou as convergências entre a agroecologia e o contexto da Ocupação na busca por autonomia e pelo bem viver.







## PARQUE JARDIM AMÉRICA

O movimento do Parque Jardim América surgiu em 2011, através de uma mobilização popular de moradoras/es do bairro que procurava dar resposta a um processo de pedido de licenciamento para corte de mata nativa na área da chácara Jardim América. O processo publicado no Diário Oficial do município começou quando a construtora Masb, em parceria com os proprietários do terreno, desenvolveu um projeto residencial e comercial que necessitaria da supressão da cobertura vegetal da última área de mata nativa da Regional Oeste de Belo Horizonte. Atualmente, o Grupo Organizado de Moradores & Usuários do Bairro Jardim América e Adjacências (GOM&UJA), criado na ocasião, resiste à implementação do empreendimento e busca a preservação da área verde. A vivência promovida durante o IV ENA foi um momento de apresentação da atual situação do movimento e também uma oportunidade para a troca de experiências e discussões relacionadas à organização comunitária e à pressão sobre as áreas naturais em cidades.



## ACAMPAMENTO MARIA DA CONCEIÇÃO – MST

No dia 8 de março de 2017, um latifúndio improdutivo de três mil hectares do empresário Eike Batista, no município de Itatiaiuçu (MG), foi ocupado. Hoje, moram 600 famílias acampadas nessas terras, trabalhando em hortas coletivas, sendo que a cada semana o trabalho fica dividido para um núcleo. A produção das hortaliças é diversa, de base agroecológica, e abastece o acampamento. A ocupação fez parte da *Jornada Nacional de Luta das Mulheres*, e o acampamento recebeu o nome de Maria da Conceição em homenagem a uma militante do movimento. A vivência realizada no local durante o IV ENA permitiu uma roda de conversa sobre a jornada de lutas e o avanço da reforma agrária e sobre a produção coletiva agroecológica e as formas de comercialização, como a loja Armazém do Campo e as cestas de consumo.





## COMUNIDADE IZIDORA – OCUPAÇÕES ROSA LEÃO E VITÓRIA

A Ocupação Vitória surgiu em 2013 e faz parte da comunidade Izidora, área do maior conflito fundiário urbano do Brasil. Desde 2014, as Brigadas Populares e a Articulação de Agricultura Urbana da Região Metropolitana de Belo Horizonte (Amau), junto às/aos moradoras/es dessa ocupação, buscam fortalecer iniciativas de produção agroecológica por meio da realização de oficinas, de mutirões e da revalorização dos saberes tradicionais de agricultura. Atualmente, junto às outras ocupações da Izidora (Rosa Leão e Esperança) e a outros parceiros (Rede de Intercâmbio, AUÊ!, Agroecologia na Periferia, Escritório de Integração da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e Prefeitura de Belo Horizonte), está em construção um projeto para o desenvolvimento e fortalecimento da agroecologia em toda a região da Izidora. A vivência no local durante o IV ENA foi uma oportunidade de caminhar pelas ocupações e conhecer as iniciativas em curso, permitindo a troca de experiências nos quintais produtivos.





“O ENA não acaba aqui no dia de  
domingo. O ENA vai pra casa.  
Os debates vão pra casa.”

César, agricultor do Assentamento  
Contestado, Lapa (PR)





## OCUPAÇÃO PÁTRIA LIVRE

Criada em 7 de setembro de 2017, a ocupação na Pedreira Prado Lopes abriga 35 famílias. Destas, 33 são chefiadas por mulheres (a maior parte mães solo e desempregadas). No total, aproximadamente 70 pessoas, sendo mais de 30 crianças e adolescentes, dividem o espaço, que inclui um prédio de cinco andares e um grande galpão. Durante a vivência no IV ENA, foi apresentada a história da Ocupação Pátria Livre e da Pedreira e ocorreu uma prática envolvendo a horta agroecológica do terreno.

## ROOTS ATIVA

O Roots Ativa é um coletivo de jovens urbanos que moram em uma casa localizada na Vila Nossa Senhora de Fátima, Aglomerado da Serra — maior favela de Minas Gerais — e que praticam e difundem a cultura rastafári. Também desenvolvem várias atividades de preservação ambiental e de agricultura urbana na comunidade: gestão comunitária dos resíduos, por meio de minhocários e compostagem; viveiro de mudas; horta; permacultura; alimentação saudável; e comercialização em feiras e por encomendas. Durante a vivência no IV ENA, foram apresentadas algumas ações do Coletivo e realizados trabalhos práticos em uma área que agrega berços agroflorestais, compostagem e gestão de resíduos.

## ENCERRAMENTO

As vozes dos territórios ouvidas em nosso Encontro mostraram como a agroecologia vem sendo construída em todas as regiões do país, em formas de resistência criativa colocadas em prática pelas nossas organizações e redes, e se constitui como uma alternativa a esse sistema homogeneizador e autoritário. Além de contribuir diretamente para o alcance da soberania e da segurança alimentar e nutricional do povo, elas mostraram como as redes territoriais de agroecologia são decisivas na construção da sociedade justa, igualitária e sustentável pela qual lutamos. Ao mesmo tempo, essas vozes denunciaram o golpe e o processo de desconstrução de direitos em curso.



# IV ENA: PLENÁRIA

PLANO  
ESTADUAL  
DE REDUÇÃO  
DO USO



O DIREITO  
É CONSERVADOR

UNIVERSALIZAR a  
AGROECOLOGIA!

Globalizar  
a LUTA...  
Globalizar  
a ESPERANÇA



4



PLE



Lúcia Ferreira

SEM CULPA SEM DESCULPA  
MULHERES LIVRES DE VIOLÊNCIA.  
MULHERES DIVERSAS UNIDAS  
NA LUTA.  
ENTRETIENIMENTO AS MULTINACIONAIS  
MULHERES LIVRES.

Indígenas



MANIPULAÇÃO DA FUNAI  
ASSASSINATOS/SUÍCIDIOS  
DESRESPEITO DE ONGS  
AMEAÇA NOVA ATLÂNTIDA  
CONT. DE RIOS/MINERAÇÃO  
43 HIDRELETRICAS  
PEC. 215 - VIOLAÇÃO DE D

PRÁTICAS TRADICIONAIS  
ANA + ABA + INDÍGENAS  
GARANTIR AGROECOLOGIA  
RETOMADA DE TERRAS INT  
É TEMPO DE UNIR NA LUTA  
**MARIELE FRANCO**  
GALDINO PATAXO  
XICÃO XUCURU



DE AGRO-  
TOXICOS

MINERAÇÃO  
PARA QUE E  
PARA QUEM?



RESISTÊNCIA DA AGROECOLOGIA À  
MINERAÇÃO

ELEIÇÕES  
LIVRE!

FIOCRUZI



118 anos  
defendendo o  
SUS

FORA  
RENOVA!!!



DEFENDER A  
ÁGUA E A TERRA



BRASIL  
VOLTA AO  
MAPA DA FOME



LUTAR PELA  
TERRA NÃO É  
CRIME

REFORMA  
AGRÁRIA  
POPULAR

O que você  
traz no coração?



FOME



SOBERANIA ALIMENTAR

Local



# A FINAL

02 de Junho 2018

Pq Municipal-BH

NÁRIAS



NÃO A INTERVENÇÃO MILITAR

**Quilombolas**  
 ANÚNCIOS  
 com racismo não é Agroecologia.  
 LUTA CONTRA O PATENTAMENTO E RACISMO INSTITUCIONAL E AMBIENTAL.  
 POTENCIALIDADES  
 • TURISMO AGROECOLÓGICO  
 • SEMENTES CRIOLAS  
 • PARTILHAR TÉCNICAS DE PRESERVAÇÃO DA VIDA.  
 • POLOS Quilombolas SÃO SAGRADOS PARA A TERRA.  
 • PODER PARA O POVO PRETO!!



**Juventudes**  
 "Angra, anha, anha... e an Sapatão, too todo organizado, fua fua Agroecologia!"  
**Anúncios**  
 CONSTRUÇÃO DA MARCHA DA JUVENTUDE.  
 UNIFICAR É PARTE DA NOSSA UTOPIA A DIVERSIDADE CONECTA A CIDADE E O CAMPO.  
 EDUCAÇÃO PÚBLICA, GRATUITA E NÃO SEXISTA.  
 DEMOCRATIZAÇÃO DA MÍDIA.  
 DEFESA DA POPULAÇÃO PERIFÉRICA JOVEM E NEGRA.  
 SEMINÁRIOS DE INTERCÂMBIO: FEMINISMO, MARXISMO, CAMPO E CIDADE.  
 Retorno que amosam...  
 30% DE JOVENS SEM TRABALHO.  
 BRASIL NO MAPA DA FOME.  
 MILITARISMO E CONSERVADORISMO.  
 MARGINALIZAÇÃO E LGBT.



Carta Política



IVENA

RESISTÊNCIA CRIATIVA

LUTA CONTRA A SECA!

DENUNCIAR O APOIO DO ESTADO BRASILEIRO A ESSES GRANDES EMPREENDIMENTOS

FORTALECER REDES DE AGROECOLOGIA

REJUVESCIMENTO DA PRODUÇÃO

Quebrar as cercas



que nos prendam!

**KATISSON PRESENTE!!!**  
**MARIELLE PRESENTE!!!**

O sangue derramado na terra é semente da LUTA!



LULA LIVRE



AGROECOLOGIA É UMA UTOPIA REAL

**ATO PÚBLICO JUNTO COM A EDUCAÇÃO**  
 UNIFICAR A LUTA!!!  
 IVENA



## **SOMOS FEITAS E FEITOS DE HISTÓRIA – OS VENTOS QUE CONTINUAM A SOPRAR!**

Breves relatos sobre os legados, as histórias de vida e os sentimentos partilhados sobre o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA).

Para abrir a participação de quem acompanhou a apresentação das experiências no Seminário Territorial do Cerrado de MT e MS, uma voz pede para contar a **história de Manoel Prado e Lourdes**, residentes próximo ao Rio Guaporé:

*“Em 1987, visitei-os como educador popular. Na época, a família não plantava em suas terras e se sentiu envergonhada em convidar-me a jantar e não ter uma ‘mistura’ pra poder acompanhar a refeição: ‘Passei vergonha, chamei pra jantar, não tinha uma mistura só, tinha arroz e aquela carniinha’, me disse Dona Lourdes. Apesar da pouca variedade de alimentos no jantar, a comida estava deliciosa. Ao encontrar o casal alguns anos depois, após os dois fazerem parte das ações da agroecologia, recebi desculpas alegres do casal por aquela janta que julgaram tão pobre. Dona Lourdes, com o sorriso no rosto, diz: ‘Hoje tudo está mudado, muita fartura, tem suco de tamarindo e muito mais...’. Seu Manoel diz ainda que, inclusive, até podem receber viajantes e turistas, como os alemães que queriam passar férias para conhecer a vida dos agricultores e provar de sua comida. A agroecologia não transformou só Manoel e Lourdes. Minha vida mudou depois da agroecologia; ela é também essa oportunidade, uma chance de trazer as pessoas nesse momento de crise em que muitos estão com depressão. Através do trabalho coletivo e da animação, nos fortalecemos.”*



## VANDAL NO MUNICIPAL: JUÇARAS, LICURIS E JACAS

*“O Encontro Nacional de Agroecologia aconteceu recentemente na cidade de Belo Horizonte, no Parque Municipal. Chegou chegando e transformando as pessoas, mostrando que juntas podemos superar qualquer tipo de crise, que nossa força está no coletivo. Assim virão as revoluções, as macro e micro, do dia a dia, revoluções que vêm pra lembrar que estamos esquecendo do real, da comida de verdade, das relações verdadeiras, do que é vital, autônomo, diverso, respeitoso, equilibrado. Inspirados por esse movimento, fizemos uma pesquisa no Parque pra saber das possíveis coletas por lá. A vontade era de catar durante o ENA, mas infelizmente não foi possível, pois já estávamos bastante envolvidos com todo o processo.*

*Descobrimos muita coisa boa que dava pra coletar: jenipapo verde, licuri, cana-de-macaco, lírio-do-brejo, sapucaia, capeba e as tão sonhadas juçaras, que, enfim, conseguimos colher. Chegamos ao parque pela entrada da Afonso Pena e descemos direto pro coreto, ali logo atrás do Mercado das Flores, onde, em toda a sua volta, tem essas palmeiras maravilhosas, com seus frutos roxos e redondinhos; uma delas, além de ter frutos maduros, também era, aparentemente, uma planta jovem, ainda em fase de crescimento, facilitando bastante a nossa coleta. Até onde a gente sabe, é proibida a coleta de frutos no Parque, e ali naquelas bandas dois jardineiros estavam trabalhando com suas ferramentas. Ficamos sem saber se pedíamos permissão ou se a gente tentava pegar sem ser visto mesmo. Antes de decidirmos a melhor estratégia, fomos tirar umas castanhas de licuri logo ali do lado, onde poderíamos também continuar observando o movimento da área do coreto. Sempre atentos à dinâmica incrível daquele recorte de cidade, seguimos em meio a homens pegando e cheirando as folhas de um cítrico para identificar que era laranjeira, mulheres que vinham rezar com um povo ali por perto, um casal de ‘patriotas’, uma turma de fotografia ‘roletando’ possibilidades, uma lista infinita de histórias ambulantes.*

*Ao final, ficamos observando as árvores, gameleiras, ipês, astrapeias, eucaliptos, todas elas aparentemente bem felizes por terem sido as anfitriãs desse encontro de revoluções, gente de luta e resistência de tudo quanto é canto. Salve as plantas. Salve o feminismo. Salve a juventude. Salve as/os indígenas. Salve os quilombos. Um salve à agroecologia. Salve a vida! Não compre, colha e plante!!! Se não conseguir nenhum dos dois, troque ideia com as/os vizinhos ou com uma pequena agricultora ou agricultor mais próximo possível.”*

**Relato no Facebook da Bicoletada de Quintal:**

**<https://www.facebook.com/pg/bicoletadequintal/posts/>**

## FESTA NO QUINTAL

*“Um mergulho coletivo que fez com que, por muitas semanas e dias, o tempo passasse diferente, quase sempre mais veloz do que a quantidade de tarefas, imprevistos e missões que brotavam e criavam famílias. Este foi um ENA que nos ensinou muito. Nos ensinou que há princípios que são inegociáveis, que o afeto nos move e que a agroecologia pela qual a gente luta, defende e constrói é feminista e jovem, tem memória, respeito, ousadia e confiança. Entre outras tantas coisas, esse processo nos ensinou também que a vida sempre surpreende e que a resistência e a coragem do povo são forças que pulsam e nos tiram do lugar.*

*Este ENA nos ensinou que é preciso abrir mão do que, pra nós, é o caminho correto para conseguir olhar um horizonte coletivo possível pra mais gente. Nos ensinou que o afeto transborda contratos, cria laços e sonhos coletivos que transformam despedidas em breves intervalos de tempo até o próximo pouso. É preciso parir o novo, abraçar forte, almoçar juntas, insistir, ouvir, costurar, celebrar e agradecer. Depois de dez dias de casa cheia, a impressão é que, por fora, tudo faz silêncio e, por dentro, somos multidão.*

*Tentando desfazer as malas, separar as primeiras roupas pra lavar e sintonizar a frequência da vida, o silêncio de fora é ocupado pelos sons dos sorrisos de vocês. A força, a compreensão e o cuidado desta família que sempre anda pertinho, disfarçando, de trabalho e projeto político, a vontade de criar e se reinventar junto, misturam-se com o encanto de quem chega, se aproxima e já nos ensina tanto! É tanto respeito, amor e carinho que é como se vocês não estivessem longe. Há muito o que ser colhido e semeado nessa construção dos territórios simbólicos da agroecologia a partir da cultura, da arte, da comunicação, do improviso, da criatividade, do afeto e da ousadia. Outras línguas e linguagens. Até o XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, em Sergipe, em 2019, nossa jangada vai parar em muitos portos, praças, botecos, praias e cachoeiras. E, se festa é luta, e luta é festa, até muito breve!”* **Natália Almeida Souza, integrante da Comissão de Cultura e Comunicação do IV ENA.**

**Relato em perfil pessoal do Medium:**

**<https://medium.com/@natialmsouza/festa-no-quintal-sobre-as-for%C3%A7as-que-nos-movem-d7242f633505>**



## A FINA TRAMA DE RAÍZES

“Há um sentimento duplo que perpassa todas/os as/os organizadoras/es do IV Encontro Nacional de Agroecologia, realizado em Belo Horizonte entre os dias 30 de maio e 3 de junho de 2018: esgotamento e amor. É tão difícil conseguir expressar a infinitude de sensações e sentimentos que fluem em nossos corpos a partir dos 4 intensos dias de vivência. Foi mais de um ano de organização, entre costuras políticas e acesso a recursos públicos, com engajamento de comunidades e braços, mãos e cabeças de voluntárias/os de todos os estados do país, na difícil equação de fortalecer a resistência democrática que as experiências agroecológicas assumem em meio à conjuntura de um golpe político. Há, no entanto, processos e sujeitos invisíveis que costuraram todo o encontro por dentro, a partir de seu desejo e seus afetos enredados em solidariedade. Cerca de 4 dias antes, a greve das/dos caminhoneiras/os estoura em todo o país, provocando o desabastecimento generalizado de produtos (principalmente óleo diesel, gasolina e alimentos) e o trancamento massivo de rodovias por todo o país. Remanejos e mudanças de última hora foram necessários em todas as equipes de organização do evento: não tinha gasolina na cidade para transportar as coisas de um lado para o outro. Para tudo, deu-se um jeito. O silêncio da chegada em casa, no retorno do ENA, olhando para trás e vendo tudo o que foi vivenciado e trocado, esconde uma sutil e indecifrável nuance que ecoa em todos os corações: o inaudível grito da multidão. Como diz um poeta popular nordestino: ‘O meu povo é um rio caudaloso que desce do interior para o mar’.” **André Biazoti, antena de SP e integrante do Coletivo Nacional de Agricultura Urbana.**

Relato em perfil pessoal do Medium:

<https://medium.com/@andrebiazoti/a-fina-trama-de-ra%C3%ADzes-o-iv-encontro-nacional-de-agroecologia-3eefbb71742c>



## DIVISOR DE ÁGUAS

*“O IV ENA foi certamente um evento marcante na minha trajetória de vida e na minha formação humana. Foi um encontro com muitas novidades e, para a minha felicidade, com pessoas engajadas com a difusão e consolidação da agroecologia no território. Esse momento histórico foi, pessoalmente, o divisor de águas de tantas experiências que me oportunizei vivenciar. Foi o exato instante em que rompi com diversos elementos que constituíam meu pensamento sobre o que imaginava ser a agroecologia. Aproximadamente 2 mil pessoas justificando a riqueza que é pertencer a uma rede nacional de pessoas das mais diversas origens e identidades socioculturais. A agroecologia corria pelas minhas veias. Ali, tive a maior certeza da vida: a de me declarar defensor e praticante da agroecologia. O reflexo desse evento se dá hoje nas ações que desenvolvo com companheiros e companheiras que adquiri em Angra dos Reis (RJ). Estamos atuando em algumas escolas da rede pública de ensino do território, com ações concretas orientadas pela agroecologia. O maior aprendizado que conquistei nesse intervalo de tempo foi reconhecer a extrema necessidade de ser um difusor de tudo o que conheci desde maio de 2018. O conhecimento é um patrimônio universal e deve ser compartilhado. Com intensos ataques à educação pública e aos direitos sociais historicamente conquistados, afetando sobretudo a juventude do nosso país, é uma demanda urgente a difusão da agroecologia nas suas mais variadas formas e jeitos de ser. A juventude que estuda nessas escolas é a mesma juventude que demonstra interesse quando está em posse de ferramentas capazes de fazê-la perceber que está munida de conhecimentos que possibilitam a construção de um mundo mais humano, solidário e sustentável. Como aponta a Carta Política do IV ENA: ‘Continuaremos empunhando nossas bandeiras e cultivando, no campo, nas florestas, nas águas e na cidade, a consciência de que a construção da agroecologia e da democracia está em nossas mãos’. Viva a agroecologia! Viva a Articulação Nacional de Agroecologia! Viva os estudantes! Viva a luta dos povos!”*

**Rogério Lourenço de Lima, estudante de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF - Angra) e integrante da delegação da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (Aarj)**



“O veneno também está no ar, nos alimentos, na água que chega às torneiras das casas. A agroecologia traz a possibilidade de combater tudo isso, propondo outros modos de produção e de sociedade.”  
Depoimento feito no Seminário Territorial que tratou das Chapadas do Apodi e Araripe

## MEMÓRIAS EM REDE E VOZES DO IV ENA

#OQUEÉAGROECOLOGIA

“Agroecologia é o encontro de pessoas com os animais, com a vida!”  
Emilia Manduca, assentada de Mirassol do Oeste (MT)

“Percebi elementos cativantes que mostram o quanto é importante essa caminhada da agroecologia. É uma caminhada longa com muitas conquistas e concretizações de políticas públicas, de cisternas, das sementes e de muitas outras. Talvez esse ENA seja um dos mais importantes devido à conjuntura atual. É importante mostrarmos que estamos unidos.”  
Gizeli Oliveira Santos, Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa), Juazeiro (BA)

“O trabalho agroecológico envolve autonomia e controle dos bens naturais, dos processos de circulação e comercialização dos produtos e é avesso ao sistema do capital. O legado das nossas construções em comum é o que vai nos fazer resistir ao golpe. Por isso, temos que entender a importância e a força política das inovações, e é preciso que cada comunidade tenha consciência do seu papel político. Cada experiência nossa é uma trincheira de luta.”  
Luciano Marçal da Silveira, AS-PTA/PB

#SOMOS MEMÓRIA DA AGROECOLOGIA



Miriam Nobre,  
GT Mulheres da ANA

“No ENA passado, a gente conversou muito, falando que a agroecologia não era só uma tecnologia, um jeito de fazer as coisas, umas práticas agroecológicas. A gente falou que não se separam práticas agroecológicas e o jeito que o trabalho se organiza de como as pessoas se relacionam. E agora a gente chega falando que não existe agroecologia num sítio só. Agroecologia ou é movimento, ou é coletivo, ou é processo que une quem tá no campo e na cidade, ou não é agroecologia. Ou é pra todo mundo ou não é; ou é pra quem não tem dinheiro pra comprar alimento ou não é. Então, a gente traz essa ideia de agroecologia aqui, construindo o movimento, e a gente sabe, todas nós, mulheres, sabemos, tanta força que traz a gente estar junta! E quanto que a gente se desafia e quanto a gente tem que romper para se estar junto. Porque se tem uma coisa que o patriarcado faz é colocar uma caixinha e dizer: ‘Ó mulheres, fica esse espaço pra vocês e tá bom’. E, de repente, a gente está brigando entre nós e competindo entre nós pra ver quem é que cabe dentro dessa caixinha. E nós estamos decretando aqui neste ENA que nós não cabemos em caixinha nenhuma. Nós queremos todos os espaços. E nós temos alianças entre nós para garantir esses espaços. E é por isso que a gente vai radicalizar a democracia construindo o poder popular no nosso país, no nosso mundo, na nossa casa e no nosso movimento, instaurando, neste ENA, um território de liberdade. Declaramos que, contra o racismo, contra qualquer imposição sobre o nosso desejo, nossa forma de amar, contra o patriarcado e contra o capital, nós estamos em fúria feminista!”



“Mulheres, olhem umas para as outras e se reconheçam!  
Devemos nos unir, não discriminar, mas enfrentar!  
São as mulheres, principalmente as negras e indígenas,  
que guardam esse saber. Quem faz as agroecologias são  
as mulheres. Catar as sementes, produzir os remédios.  
Queremos nossa cultura de verdade, nossa origem  
indígena e negra. A nossa luta é todo dia, somos  
memória da agroecologia!”

Emília Manduca, assentada de Mirassol do Oeste (MT)





#UNIDADENADIVERSIDADE

“Quanto mais diversidade,  
mais possibilidades de vidas!”  
Agricultor de Januária (MG)

“A agroecologia me fortaleceu como jovem  
camponês. Me apaixonei pela agroecologia.  
E isso me fez olhar a política de outra forma.  
Precisamos dialogar e lutar.”  
Talison, estudante de agroecologia e  
pequeno agricultor, Vitória da Conquista (BA)

“O que estou observando aqui é a diversidade  
que nós somos. Nós somos diferentes, mas  
o que nos une é essa luta que a gente está  
fazendo contra a monocultura do eucalipto  
e contra as barragens e a mineração que  
vieram para os nossos territórios.”



Dona Dijé,  
Movimento  
Interestadual das  
Quebradeiras de  
Coco Babaçu



#RESISTIRPARAEXISTIR

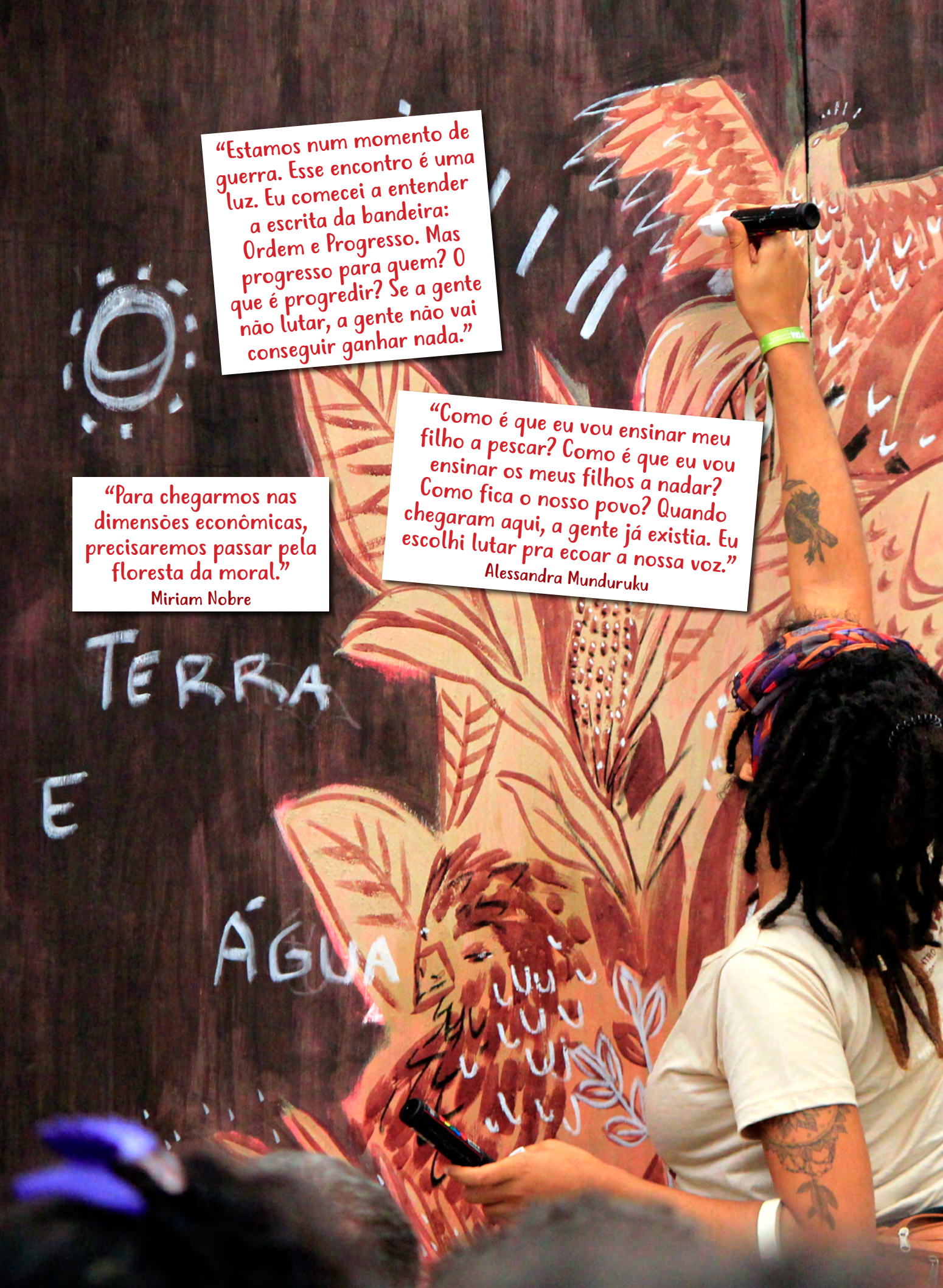
“Tenho tripla identidade — ser mulher; negra, de lutas e enfrentamentos; e quebradeira. Nossa luta é por terra e território. Sem terra e território, não vamos ter produção; só irão aumentar as favelas e lotar pequenas cidades, e ninguém vai nos ver. Tem muitos povos que ainda estão se descobrindo. Nós, unidos, precisamos nos reconhecer, nos relacionar. Este país é nosso, é o país dos indígenas, é dos negros.”

“Entendemos que sustentabilidade tem tudo a ver com nossa espiritualidade. Defender os direitos indígenas é defender os direitos de todos os povos. O sistema impôs uma ideologia nas aldeias. O papel dos anciãos e professores Terena é de sensibilização contra esse modelo que quer colocar uma nova ideologia.”  
Leosmar Antônio Terena (MS)

“Se o campo roçar,  
todo povo vai  
almoçar. Se o campo  
e a cidade plantar,  
todo povo vai jantar.  
Se o campo e a cidade  
se unir, a fome não  
vai existir.”

Coletivo Nacional de  
Agricultura Urbana





“Estamos num momento de guerra. Esse encontro é uma luz. Eu comecei a entender a escrita da bandeira: Ordem e Progresso. Mas progresso para quem? O que é progredir? Se a gente não lutar, a gente não vai conseguir ganhar nada.”

“Para chegarmos nas dimensões econômicas, precisaremos passar pela floresta da moral.”

Miriam Nobre

“Como é que eu vou ensinar meu filho a pescar? Como é que eu vou ensinar os meus filhos a nadar? Como fica o nosso povo? Quando chegaram aqui, a gente já existia. Eu escolhi lutar pra ecoar a nossa voz.”

Alessandra Munduruku

TERRA

E

ÁGUA





“Precisamos que movimentos como este se tornem uma constante, que o respeito e a tolerância se tornem um contínuo entre nós. Que os povos indígenas e tradicionais sejam reconhecidos como os verdadeiros donos da terra. Que o povo entenda o sentido de território para nós e a importância de se respeitar quem cuida realmente da terra, sem degradar. E que possamos ter cada dia mais alimentos saudáveis na nossa mesa. Que a soberania esteja na mão daqueles que podem produzir harmonicamente com a natureza, em comunhão. Aproveitamos o dia de hoje para exigir o fim da exploração dos agricultores familiares e o fim da exploração das nossas tradições. Saravá umbanda, saravá todos os povos!”

“Me aceite como eu sou; se você não me aceita, cure o seu preconceito! A luta do índio é 24 horas.”

Vanda Macuxi,  
pajé indígena em Roraima

VIRA



## #AGROECOLOGIAÉCULTURAE TRADIÇÃO

“Não se traz uma semente porque se planta e porque se colhe, mas porque junto dela há muita história. Temos um objetivo principal: a luta pelo território. Por mais que estejamos encurralados, temos essa diversidade porque temos onde plantar e onde colher. A luta agora é por sobrevivência! A luta é por água. Se não tiver um pedacinho de terra, acaba tudo, acaba a vida! Aqui tem resistência porque quem faz faz porque gosta, porque nasceu resistindo e acredita no que faz! Quando se fala da semente que se está perdendo, quer dizer que se mata a cultura alimentar. E isso é perder toda uma história de vida, um conhecimento, uma tradição!”

José Rodrigues, agricultor geraizeiro do Assentamento Veredas Vivas, Rio Pardo de Minas (MG)

## #POLÍTICAS PÚBLICAS

“As políticas públicas são sementes que caem em terras muito fortes!” Denis Monteiro, Secretário-Executivo da ANA







### #SABERESAGROECOLÓGICOS

“Nosso papel aqui é partilhar nosso conhecimento para que possamos construir nossa força enquanto sujeitos sociais.”

Roselita Vitor, Polo da Borborema, Remígio (PB)

“É isto que encontros como o ENA proporcionam – esperanças na troca de conhecimentos, práticas.”

Luiz Gonzaga, Semear (MA)

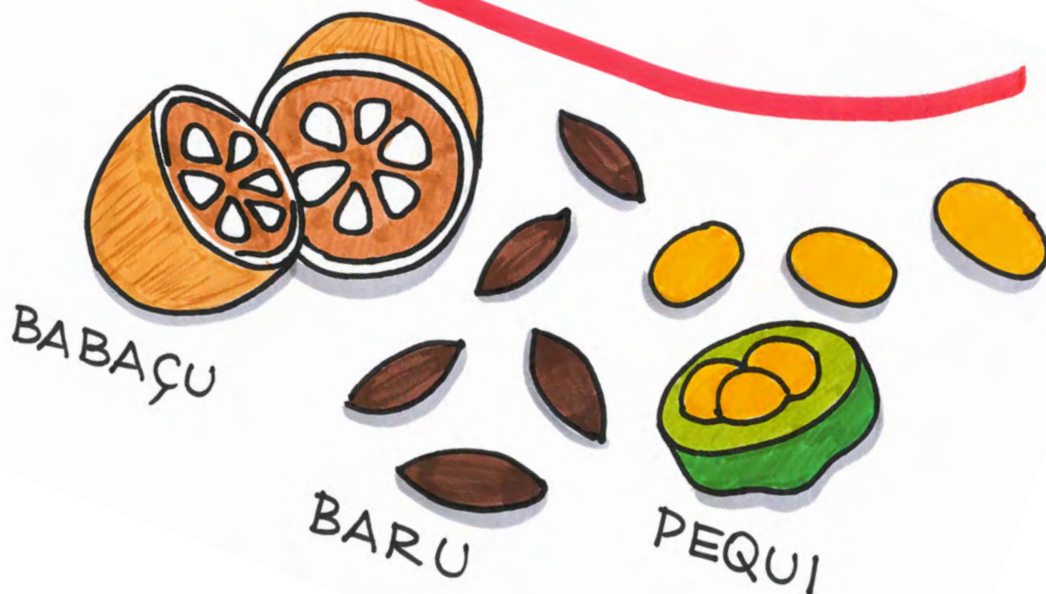
## #SOCIOAGROBIODIVERSIDADE

“Toda semente pra nós é ouro!”

Margarida (MMC),  
Assentamento Itamarati,  
Ponta Porã (MS)

“Eu nunca fui ‘ladrona’ de nada, mas  
do babaçu eu achei que era.  
Na época, achava que estava  
roubando; hoje, vejo que era meu.”

Francisca Nascimento,  
coordenadora-geral do  
Movimento Interestadual das  
Quebradeiras de Coco Babaçu





#COMERÉUMATOPOLÍTICO



“Em um momento de crise, de escassez, em vez de se privar, de querer apenas para si, as pessoas se colocam à disposição para compartilhar os alimentos. Isso é um aprendizado, um crescimento humano e de sociedade, que gera uma riqueza que a gente não consegue nem dimensionar. Para nós do Banco de Alimentos, por exemplo, os alimentos que foram doados pelo ENA abasteceram hospitais, abasteceram creches que estavam com dificuldade de comprar porque aumentou o preço no supermercado. Foram quase duas toneladas de alimentos doados [1.830 kg] para o Banco de Alimentos e que atenderam a 41 instituições. O impacto gerado na comunidade de BH é maior que a ação da própria prefeitura e maior que o próprio ENA.”

Eulália Gomes, coordenadora do Banco de Alimentos da PBH

# VIVA O IV ENA, SEM PAREDES, QUE AINDA NÃO ACABOU



*“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.”*

Paulo Freire. *Pedagogia da autonomia.*

No intenso e permanente processo de busca por coerências, o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) foi recheado de desafios, vitórias e aprendizados. Celebramos a construção coletiva dessas memórias e o papel feminino e feminista que orientaram diversas e diferentes práticas tecidas para viabilizar não apenas o momento de culminância, mas os processos preparatórios das comissões, dos coletivos locais e regionais e dos diversos territórios de Minas Gerais.

Apesar dos desafios que buscamos relatar e avaliar em diferentes momentos deste conjunto de cadernos, estamos certas e certos de que as sementes plantadas encontraram muitos solos férteis.

Que o IV ENA, sem paredes, construído no centro da capital mineira, tenha deixado lembranças, novas poesias, reflexões, denúncias e inspirações para as lutas que seguem e se complexificam.

Que a rebeldia e o afeto possam caminhar juntos no fortalecimento da agroecologia!





## SEMENTES

“As sementes que trago e compartilho com vocês são sementes que trazem marcas da arte, da poesia e das palavras esculpidas no tempo. Foram coletadas à beira do caminho das culturas populares, onde os vales são mais férteis e as minas escondem segredos das montanhas gerais.

São sementes que guardam dentro de si histórias, saberes, sabores e sentimentos. Sementes de alegria em tempos de melancolias. De esperança em tempos de controvérsias. De leveza em tempos de tirania. De ternura em tempos de exclusão e isolamento. De sonhos coletivamente possíveis em tempos de insegurança e medo.

Sementes de poesias que se lançam ao vento, “sem lenço nem documento” no desejo de, em terras alheias, promover a revolução. Trago sementes de arte arteira, que rebeldemente insistem em amanhãs mais bonitos. Sementes-remédio que curam o tédio do vazio, do estranhamento, da indiferença. Sementes que temperam a vida, a militância e os amores.

Cuidar das sementes é mais que uma arte, é também um ato político e de compromisso com as futuras gerações. Sejamos plantadoras/es de sonhos e coletoras/es de bonitezas!

Maria Eliane Pereira  
Colheita do Seminário Territorial: construção  
da Agroecologia no Cerrado MT e MS







trabalho em Processo  
artista PRISCILA AMORIM



Semear a luta  
Rumo ao tempo novo  
Junta com teu povo  
E aquece o mormaço  
Semear o espaço  
E vai ocupar  
Mulher a luta  
Ancião e menino  
Semear o destino  
A se modificar  
Grita o índio  
Fala o agricultor  
A mulher mais uma vez  
Ergue sua voz  
Foi o tempo da chuva  
E do amor

E o Brasil vem tombando sobre nós  
Com o peso desigual das reformas  
Na maldade de quem manja a norma  
Cada ação vampiresca só piora  
Mas quem rouba seu lugar não é seu dono  
E um rei, sem ter povo, não tem trono  
E esse povo lhe diz mil vezes fora  
Fora, Temer!  
Fora, mineração!  
Fora, latifundiário!

Michael - Jovem sertanejo do semiárido paraibano  
Colheita do Seminário Temático Direito a Terra  
e Território: conflitos e resistência dos povos do  
campo, das águas e da floresta



## MUNDO RENOVADO

“No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites.

*Nos pátios amanhecidos de chuva, sobre excrementos meio derretidos, a surpresa dos cogumelos! Na beira dos ranchos, nos canteiros da horta, no meio das árvores do pomar, seus branquíssimos corpos sem raízes se multiplicam.*

*O mundo foi renovado, durante a noite, com as chuvas. Sai garoto pelo pileque com olho de descobrir. Choveu tanto que há ruas de água. Sem placas, sem nome, sem esquinas.*

*Incrível a alegria do capim. E a bagunça dos periquitos! Há um refferver de insetos por baixo da casca úmida das mangueiras.*

*Alegria é de manhã ter chovido de noite! As chuvas encharcaram tudo. Os baguaris e os caramujos tortos. As chuvas encharcaram o cerrado até os pentelhos. Lagartos espaceiam com olhos de paina. Borboletas desovadas melam. Biguás engolem bagres perplexos. Espinheiros emaranhados guardam por baixo filhotes de pato. Os bulbos das lixeiras estão ensanguentados. E os ventos se vão apodrecer!*

*Até as pessoas sem eira nem vaca se alegram. E as éguas irrompem no cio os limites do pátio. Um cheiro de ariticum maduro penetra as crianças. Fugiram dos buracos cheios de água os ofídios lisos. E entraram debaixo dos fogões de lenha. Os meninos descobrem de mudança as formigas-carregadeiras. Cupins constroem seus túneis. E há os bem-te-vis-cartolas nos pirizeiros de asas abertas.*

*Um pouco do pasto ficou dentro d'água. Lá longe, em cima da peúva, o ninho do tuiuiú ensopado. Aquele ninho fotogênico cheio de filhotes com frio!*

*A pelagem do gado está limpa. A alma do fazendeiro está limpa. O roceiro está alegre na roça, porque sua planta está salva. Pequenos caracóis pregam saliva nas roseiras. E a primavera imatura das araras sobrevoa nossas cabeças com sua voz rachada de verde.*

Manoel de Barros

Livro de Pré-Coisas – Roteiro para uma excursão poética no Pantanal





“Ó abre alas, que as mulheres vão passar  
Com esse ENA, muita coisa vai mudar  
Nosso lugar não é no fogo ou no fogão  
A nossa chama é a chama da revolução”

“A caderneta tá falando até demais  
Tudo que plantei, eu anoto, e ela fala  
A caderneta tá falando até demais  
Tudo que vendi, eu anoto, e ela fala  
Se plantei couve, eu dei  
Se plantei milho, troquei  
Se plantei feijão, vendeu  
Se criei galinha, comeu [...]”

“Pisa ligeiro, pisa ligeiro,  
Quem não pode com as mulheres  
Não assanha o formigueiro  
Pisa ligeiro, pisa ligeiro  
Quem constrói o feminismo muda o país inteiro”

“Nenhum direito a menos!  
Fora, Temer! Lula Livre!  
Se tem racismo, não há agroecologia!  
Se tem violência, não há agroecologia!  
Se tem machismo, não há agroecologia!  
SEM FEMINISMO, NÃO HÁ AGROECOLOGIA!”

“Feminismo é revolução,  
feminismo é revolução.  
Feminismo é revolução,  
feminismo é revolução.”

Colheitas do Seminário Temático  
Sem Feminismo, Não Há Agroecologia

“A agroecologia pode trazer a transformação política da sociedade, essa conversa passa pelo alimento que simboliza nossa luta prática e nossa identidade. Para isso, precisamos desmontar as estruturas de poder no campo, nas florestas, nas águas e nas cidades. No plantio, na comunicação, na cultura e nas esferas da sociedade. Para fazer comunicação, precisamos encontrar uma linguagem. Não basta termos microfone. A cultura ajuda a orientar essa caminhada. Enquanto a expressão for cassada, nossa liberdade estará violada. Nós sabemos o que fazer! Nós sabemos como fazer! As redes se formam nos territórios. São capazes de dar vida a essa organização. É ela que fará florescer a transformação. O teatro ajuda a comunicar a realidade que se enxerga e se identifica com a encenação. Nessa criação, a população pode discutir e mudar a realidade. A cultura viva conta a nossa comida, o dia a dia, os festejos e a lida. Os veículos abertos de comunicação precisam ser ocupados para comunicar as histórias de verdade. Que possamos entoá-las para todas e todos. A arte e a cultura são o nosso jeito de estar no mundo. Nessa luta, precisamos avançar; ela é chave para a construção de nosso mundo. É o jeito de comunicar e articular o povo. Cabeça pensa onde o pé pisa. Olhar – reparar – usar os recursos locais. Qual o legado da cultura popular? Reacender a memória e as tradições populares. Vencer o preconceito é um desafio para conseguirmos contar a nossa história. Sair de entre as paredes, ir para o terreiro, conhecer seus saberes e sentir seus sabores. A terra é muito mais que plantar. Quem resgatamos primeiro: a semente ou a arte?”

Patrícia Tavares  
Colheita do Seminário Temático Comunicação e cultura populares:  
territórios simbólicos da agroecologia





## ENGENHO DE FLORES

Ê, alumiô toda terra e mar  
 Ê, alumiô toda terra e mar  
 Eu vi fortaleza abalar  
 Eu vi fortaleza abalar  
 Agora qu'eu quero ver  
 Se couro de gente é pra queimar  
 Agora qu'eu quero ver  
 Se couro de gente é pra queimar  
 Vou pedir pra São João  
 Cosme e Damião  
 Pra nos ajudar  
 Vou pedir pra São João  
 Cosme e Damião  
 Pra nos ajudar  
 Era o apito do engenho de flores  
 Era o apito do engenho de flores  
 Chamando pra trabalhar

Josias Sobrinho  
 Colheita do Seminário Temático  
 Comunicação e cultura populares:  
 territórios simbólicos da agroecologia



### EDUCAÇÃO DO CAMPO

A educação do campo do povo agricultor  
Precisa de uma enxada, de um lápis e de um trator  
Precisa educador pra trocar conhecimento  
O maior ensinamento é a vida e seu valor

Dessa história, nós somos os sujeitos  
Lutamos pela vida, pelo que é de direito  
As nossas marcas se espalham pelo chão  
A nossa escola, ela vem do coração

Se a humanidade produziu tanto saber  
O rádio, a ciência e a cartilha do ABC  
Mas falta empreender a solidariedade  
Soletrar nossa verdade, está faltando acontecer

Gilvan dos Santos  
*Colheita do Seminário Temático*  
*Educação do campo e construção do conhecimento agroecológico*



Reconheço o perigo  
Sei que o mundo te esconde  
Pois você modifica o mundo para que assim ele o faça  
Mas eu não guerreio sozinho  
E logo cairá sua farsa  
Suas entranhas serão expostas, dragão  
Para que em canto algum haja dúvidas  
Sobre suas intenções  
Antes, durante e após essa guerra  
O novo será construído  
Esse exército trajado de armadura púrpura  
Não descansará  
Permanecerá uno, sereno e firme  
Até que o melhor do mundo,  
Como disse Olga,  
Venha a triunfar!

Davi Fantuzzi  
Colheita do Seminário Temático  
Construção social de mercados





## JUVENTUDES

“Cheguei, meu povo, cheguei para construir.  
Se você ainda não sabe, a juventude está aqui.”

“Aqui não tem arrego, vamos tirar o teu sossego.  
Agora é a nossa voz, não vai calar.”

“Cajueiro pequenino, carregado de fulô, eu também  
sou pequenino cajueiro, carregado de amor.”

*Colheitas do Seminário Temático  
Juventudes e agroecologia: a nossa ousadia  
é o campo e a cidade na luta pela agroecologia*



# ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA

PEDAGOGIA  
DA ALTERNÂNCIA

ALTERNATIVA  
À EDUCAÇÃO DO  
CAPITAL

ESPAÇO DE  
RESISTÊNCIA  
E VALORIZAÇÃO  
DA NOSSA HISTÓRIA

## EXPRESSÕES

















**MEN DEBUCOM**  
**MULHERES**  
**LIVRES**  
**DE VIOLÊNCIA**

Marcha Mundial das Mulheres













## INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS





































Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-87116-33-8



9 788587 116338

REALIZAÇÃO



CA 0776/001/2017



ARTICULAÇÃO  
NACIONAL DE  
AGROECOLOGIA

PATROCÍNIO



APOIO



INCENTIVO

